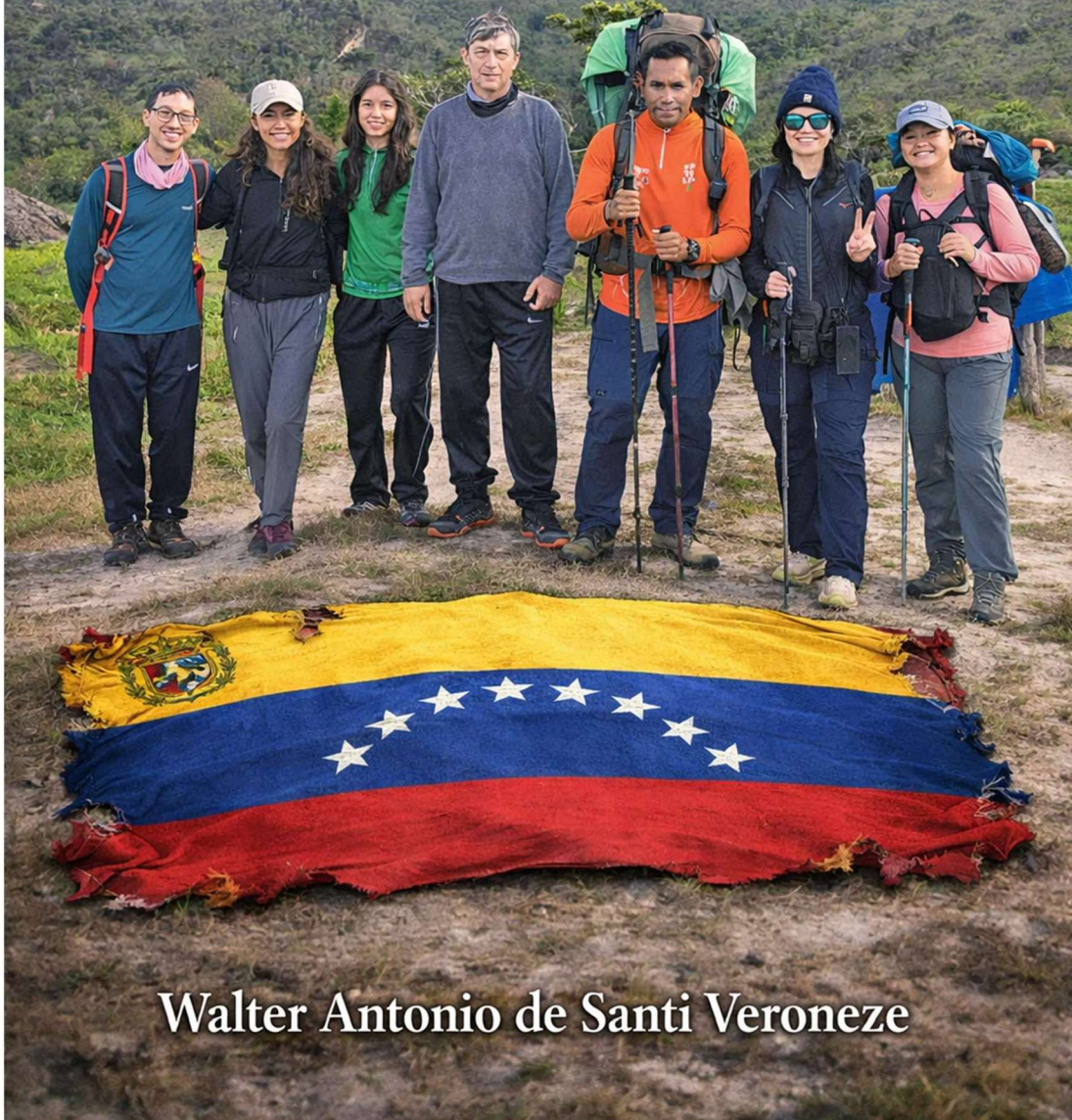


Monte Roraima: Uma História de Superação



Walter Antonio de Santi Veroneze

A IDÉIA

Bem pra falar a verdade sabe este momento de bobeira que te atinge e você acredita que consegue e vai lá e entra numa gelada. Pois bem, assim, estava eu, descansando tranquilamente no sofá, depois de mais um dia de agenda cheia, e não sei porque fui dar ouvidos à minha filha.

“pai a gente podia fazer o Monte Roraima”.

Na verdade, nem dei atenção, mas sabe esse “capetinha” que fica cutucando a sua mente



e você não sabe porque, mas tem que ir lá e conferir, pesquisar, entender algumas coisas e então você já está dentro da “fria que achava que nunca ia entrar”.

Pois bem, no outro dia já comecei a pesquisar sites que falavam sobre a expedição ao Monte Roraima, ver vídeos disponíveis, ler sobre isto e até envolvi a família nisto.

Minha esposa dizia, “o que você tá inventando agora?”.

Encontrei até vídeos de uma hora no Youtube e todos assistimos após a janta. Igor, meu filho, dizia “de novo outro vídeo disso ai, já assistiu isso, é tudo igual”.

E assim os dias foram passando e o “capetinha” na minha cabeça não me largava, assim um belo dia falei “Raissa vamos, então”.

A idéia era ir em Dezembro, porém, o tempo estava muito curto e o principal ainda mais “dinheiro”. Assim, fomos avaliando e vimos que a melhor data seria em fevereiro, aproveitando o feriado de carnaval, assim pouco prejudicaria os trabalhos de nós três, meu, da Raissa e do Igor que depois de algumas insistências também decidiu ir conosco (e até hoje agradeço a essa sua decisão) como vocês verão depois.

Então, dentre todos os vídeos e possibilidades de agências que pesquisei decidimos fazer o contrato com a empresa Fui Trilharr (sim, assim mesmo com dois “r”).

E assim estava decidido que realmente iríamos conhecer a tão famosa montanha de Roraima, fazer a trilha, empenhar-se em voltar vivo de lá.

A AGÊNCIA FUI TRILHARR

Abaixo vou destacar a agência que foi nossa escolha, porém, além disso, foi uma parceira incrível, com informações detalhadas via whatsapp quando solicitamos, discussões pessoais quando nos levou de Boa Vista (capital Roraima) até a aldeia de onde começaria nossa jornada e mesmo em bate-papos eventuais. Sidnei o proprietário, é alguém como a gente, não um empresário escondido atrás de uma sala, ele está onde o cliente está, entendendo suas necessidades e ele mesmo fazendo o possível para resolver qualquer situação. Sem puxa-saquismo, agradecemos muito a ele em todo o apoio que nos deu, independente de qual pessoa de nosso grupo.

O mantra que ele defende “na trilha nada se deixa, além de pegadas” é algo latente em todos, assim como Carlos, nosso incrível guia, deixava claro, além de palavras isto é demonstrado em atitudes corriqueiramente.



A Fui TrilhaRR nasceu de várias aventuras. Sidney Cirino, um jovem professor de geografia, após viver diversas aventuras principalmente no estado de Roraima, decidiu compartilhar com mais pessoas este estilo de vida de trilhas, ecoturismo, amizade e felicidade.

Essa experiência facilita o desenvolvimento de aventuras com foco especial, capaz de estimular as pessoas a se redescobrirem, a encontrarem sua autonomia e autoestima, ganharem mais qualidade de vida e vivenciarem momentos de muita alegria.

Atualmente a Fui TrilhaRR oferece diversos roteiros, em Roraima, Amazônia, Brasil e América Latina, sempre cuidando de todos os detalhes da sua viagem.

- Trilha Ecológica do Apiaú;
- Trilha Ecológica Cachoeira do Evandro;
- Expedição Serra do Tepequém;
- Trekking na Serra Grande;
- Presidente Figueiredo e Manaus;
- Trilha Ecológica em Campos Novos;
- Expedição Chapada dos Veadeiros;



- Monte Roraima 8 dias e 7 noites;

- Monte Roraima 7 dias e 6 noites

“O DESTINO QUE VAI MEXER COM A SUA ESSÊNCIA

Imagine caminhar por trilhas ancestrais, atravessar florestas virgens, cruzar rios selvagens... e, no fim da jornada, encontrar um mundo suspenso no tempo.

O **Monte Roraima** não é apenas um dos lugares mais extraordinários da América do Sul — é um portal para outra dimensão da natureza. Um gigante de pedra que guarda segredos milenares, paisagens que parecem sonhos e uma energia que transforma quem se atreve a subir até o topo.



MONTE RORAIMA 2026		
Janeiro 08 a 15 (8 dias) 22 a 30 (9 dias)	Fevereiro 04 a 11 (8 dias) 13 a 20 (8 dias) 13 a 21 (9 dias)	Março 07 a 14 (8 dias) 21 a 29 (9 dias)
Abril 03 a 10 (8 dias) 18 a 26 (9 dias)	Agosto 08 a 15 (8 dias) 22 a 29 (9 dias)	Setembro 08 a 15 (8 dias) 19 a 26 (8 dias) 19 a 27 (9 dias)
Outubro 06 a 13 (8 dias) 14 a 21 (8 dias) 14 a 22 (9 dias)	Novembro 02 a 09 (8 dias) 20 a 27 (8 dias) 20 a 28 (9 dias)	Dezembro 04 a 11 (8 dias) 28 a 04 (8 dias) 27 a 04 (9 dias)

Chegar lá exige entrega.

Você vai trilhar caminhos sinuosos, vencer altitudes, encarar o imprevisível. Mas a recompensa...

É de tirar o fôlego.

No cume, tudo muda:

Formações rochosas talhadas pelo tempo,

vegetação pré-histórica, lagos que refletem o céu e **cachoeiras que nascem das nuvens**. É como caminhar sobre o cenário de um filme — só que real, e com você dentro.

E o mais impactante?

Ali em cima, o silêncio fala. Você sente a presença da natureza pura. Do intocável. Do sagrado”. (página: <https://monteroraima.fuitrilharr.com.br/#depoimentos>)

Depois de ler esta história e você tiver interesse deixamos aqui os contatos para facilitar.

Telefone:

[\(95\) 991529006](tel:(95)991529006)

E-mail:

contato@fuitrilharr.com.br

Site: <https://fuitrilharr.com.br/>

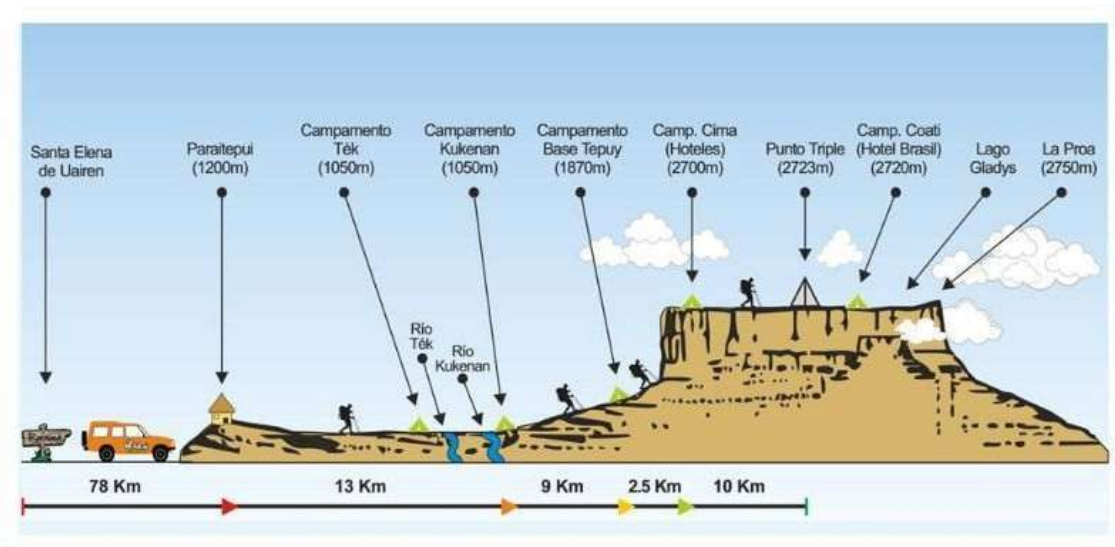


FUI TRILHARR			
CLASSIFICAÇÃO DE DIFICULDADE			
Roteiro 8 dias e 7 noites			
DIA 2 Distância: 14 KM Altitude: 1.050 metros (sem ganho de altitude) Terreno: Caminhada com acíves e declíves Tempo médio: 4 horas Dificuldade: Moderado	DIA 3 Distância: 11 KM Altitude: de 1.050 metros para 1.870 metros Terreno: Com acíves e muitas rochas no meio da trilha Tempo médio: 6 horas Dificuldade: Moderado para Difícil	DIA 4 Distância: em média 10 KM Altitude: de 1.870 metros para 2.700 metros Terreno: Muitos acíves, alguns declíves e solo muito rochoso Tempo médio: 6 horas Dificuldade: Difícil	DIA 5 Distância: 22 KM Altitude: 2.700 metros (sem ganho de altitude) Terreno: Rochoso Tempo médio: 8 horas Dificuldade: Moderado para Difícil
DIA 6 Distância: 10 KM Altitude: 2.700 metros (sem ganho de altitude) Terreno: Rochoso Tempo médio: 6 horas Dificuldade: Moderado	DIA 7 Distância: 18 KM Altitude: de 2.700 metros para 1.050 metros Terreno: Muitos declíves e alguns acíves, terreno muito rochoso Tempo médio: 7 horas Dificuldade: Difícil	DIA 8 Distância: 14 KM Altitude: 1.050 metros (sem ganho de altitude) Terreno: Acíves e declíves Tempo médio: 4 horas Dificuldade: Moderado	

Neste site tem informações importantes: <https://monteroraima.fuitrilharr.com.br/>

Abaixo as datas que você pode escolher para realizar esta aventura. O valor hoje (abril-26) está na faixa de R\$6.000,00 (seis mil reais), mas não se preocupe com isto, o Sidnei facilita pra você.

MONTE RORAIMA: A MONTANHA MÁGICA



Parque Nacional do Monte Roraima

O P.N. do Monte Roraima foi criado em 1989, pelo Decreto nº 97.887 de 28 de junho. Tem área de 116.747,80 hectares. É administrado pelo Instituto Chico Mendes.

O Parque abrange a área do extremo norte do Brasil e parte da Serra do Pacaraima, incluindo o Monte Roraima e o Monte Caburá (1.465 m), o ponto extremo norte do Brasil.



O Monte Roraima marca a fronteira tríplice do Brasil com a Venezuela e a Guiana. Tem forma de mesa, com vários quilômetros quadrados de área, e encostas escarpadas. A maior parte do Monte Roraima fica na Venezuela, incluindo sua altitude máxima, com 2.810 m. No Brasil, seu ponto mais alto tem 2.734 m de altitude, justo o local da fronteira tríplice.



PREPARATIVOS

Já no início de dezembro fechamos o pacote de viagem. Igor, Raissa e eu vamos embarcar nesta aventura em 13 de fevereiro de 2026 com retorno dia 20 de fevereiro, aproveitando o feriado de carnaval. Mas já em novembro, motivado pela descrença de meus filhos, da Celma (minha esposa) de que eu não aguentaria o trajeto de caminhada e subida ao monte, iniciei um treinamento (claro que meia-boca) de exercícios físicos e também uma dieta severa para reduzir meu peso (que estava na época com 92 quilos).

E teve resultado pois no dia da partida de Dourados para Roraima atingi 82 quilos.

E motivado ainda mais pela condição especial que a agência Fui Trilharr nos concedeu, fechamos o que seria uma aventura inesquecível. Em dezembro, vimos os vídeos da agência sobre os equipamentos necessários e outros vídeos (que atormentava a cabeça, principalmente, do Igor).

Na noite do réveillon, nem mesmo minhas cunhadas e minha mãe acreditavam que eu iria conseguir realizar a escalada e foi – sem dúvida – a conversa mais acalorada da noite.

No almoço do dia seguinte, este assunto voltou à mesa e foi o centro das conversas novamente, porém este dia foram menos acaloradas que na noite anterior.

No início de janeiro efetivamos o pagamento da inscrição do Igor, agora ele e eu já estamos confirmados na aventura, falta ainda a inscrição da Raissa que será paga no início de fevereiro.

Janeiro, dia 03, a fronteira Brasil e Venezuela é fechada, por causa das interferências norte-americanas no estado soberano da Venezuela. E então surge uma dúvida, “isto vai se resolver logo ou vai complicar nossa viagem?”, mas tudo se resolve rapidamente e vida que segue.

No final daquela semana vamos a Pedro Juan Caballero (PY) para adquirirmos itens necessários para a viagem.

Também encontrei meu cunhado que disse para aproveitarmos que já estaríamos por lá e vir para a Guiana visitar Lethem. Então fizemos alteração em nosso voo e colocamos isto na agenda também.

Praticamente final de janeiro, pela primeira vez, o personal diz para meus filhos que eu vou superá-los na escalada do monte, por causa dos números de exercícios que estou fazendo sem reclamar (sem reclamar!!!!).

No final daquela semana, Sidnei me liga informando que houve mudanças nas expedições devido ao feriado de carnaval, mas que não seremos prejudicados e busca alternativas para que as coisas transcorram normalmente, sem atrasos ou inconvenientes, pois deixamos claro para ele que precisamos estar de volta ao trabalho no dia 23 de fevereiro. Então no final de janeiro tudo alinhado, tanto a viagem ao Monte Roraima quanto a ida até Lethem na Guiana, além de que também é criado o grupo de Whatsapp e assim conhecemos, mesmo que digitalmente, os demais membros desta loucura, que chamamos de escalada do Monte Roraima.

No sábado, Sidnei envia diversas informações e também vídeos sobre todas as informações necessárias.

Na semana anterior à aventura, Sidnei envia uma série de áudios explicando tudo novamente, e vários deles nem abrimos de tantos que são (claro que não deixa se serem importantes).

Ele explicou também a mudança que teve devido as novas regras que o governo Venezuela infringiu, mas só iria afetar nossa noite de sono no hotel, quando da chegada em Boa Vista, a qual não haveria mais (ou haveria apenas por algumas horas), mas tudo certo.

ESTAMOS INDO...

Chegou então o dia de sairmos de Dourados para Campo Grande, onde pegaríamos o voo para Boa Vista, passando por Brasília. Em Campo Grande vimos num canto da sala de embarque a outra participante da expedição de Mato Grosso do Sul, Isabel, mas decidimos apenas observar, como um espião observa os transeuntes num banco de praça.

Na conexão em Brasília, o tempo era pouco, então corremos para comer algo, pois já era tarde e sabíamos que em Boa Vista não teria nada aberto, seja no aeroporto ou mesmo no hotel. Assim, procuramos um canto para comer algo, enquanto passamos pela Isabel novamente no corredor do aeroporto e por mais que fazíamos sinais – assim como aqueles bonecos birutas em postos de combustível – ela ignorou a todos nós.

Comemos nossos pratos e corremos para o portão de embarque, então lá rapidamente conversamos com a Isabel e, por sorte ou por azar, seu assento era na mesma fileira que a gente, assim foi conversando do embarque à aterrissagem com Igor e Raissa. Também havia um venezuelano que estava voltando para a Venezuela que estava na mesma fileira e conversou um pouco com as meninas, após ter morado um tempo em Curitiba sentia que havia chegado a hora de retornar para seu país natal.

Quando descemos em Boa Vista, pegamos as malas e o Sidnei estava nos aguardando para irmos ao hotel. Tanto a Isabel, quanto a Eleomara foram com outro transporte para o lugar que estavam hospedadas e por incrível que pareça, as três, contando já com a Viviane – que tinha chegado mais cedo na cidade - que não se conheciam estavam no mesmo lugar, o Hostel Wei, que todas elas elogiaram.



Este grupo foi algo inusitado, pois éramos quatro pessoas de Mato Grosso do Sul, e dois do Paraná e da mesma cidade – Curitiba – que se conheceram nesta aventura.

Bem, seguimos tarde da noite para o Aipana Hotel, bem localizado em frente à praça central, onde chegamos por volta da 1:00 h da manhã. Rapidamente feito o check-in fomos às camas, pois teríamos que sair as 5:00 h da manhã, ou seja, tempo apenas para organizar as coisas que seriam necessárias e tirar

um breve cochilo. As 4 horas da manhã já estávamos nos levantando. E foi exatamente isto que conseguimos fazer.

Quando você tem um horário pré-estabelecido e pouco tempo para dormir, parece que ocorre uma confusão na mente e você efetivamente não dorme mesmo, ou não descansa como deveria, e isto somado aos constantes passos no corredor foi o que aconteceu.

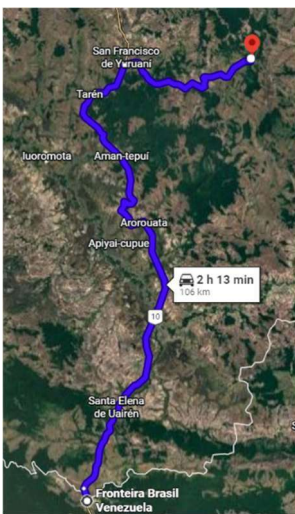
À 5 horas da manhã em ponto, Sidnei aponta em frente ao hotel. Fazer o que né, já era o momento da partida desta loucura que me meti. Fazer o que!!!!!! Mas eu ainda não imaginava o que me esperava e desta forma estava contente.

Passamos num bar que estava aberto e compramos água, depois fomos para a pousada que as meninas estavam hospedadas e as bagagens foram organizadas e nós também e partimos para a fronteira do Brasil com a Venezuela, numa jornada por uma rodovia reta (sempre reta) de aproximadamente duas horas e meia a três horas entre Boa Vista a Pacaraima (a fronteira). Chegamos na fronteira as 9 horas da manhã.

Por todo este caminho, na sua grande maioria as meninas não paravam de conversar e em boa parte o Igor e o Sidnei só falavam de jogos de videogame e jogos de tabuleiro. Santo Deus!

O processo de imigração foi muito rápido, não levou cinco minutos e foi onde também trocamos de veículo, agora passamos as bagagens para um veículo 4x4 que nos levaria até a aldeia onde de fato a jornada teria início, Deixamos a cidade de Paracaima para trás e seguimos a rodovia com destino à aldeia, mas não sem antes passarmos por alguns lugares de paisagens incríveis e aldeias, além de pontos onde precisávamos apresentar os documentos.





Adeus ao Brasil fomos até Santa Elena de Uairén, lugar onde deveríamos passar a primeira noite, porém com as mudanças que comentei anteriormente do governo venezuelano, passamos apenas para usar o banheiro e tomar uma água, este descanso merecido ficaria apenas para o retorno. Depois seguimos para a aldeia Paraitepuy, sendo mais duas horas e meia aproximadamente em veículo 4x4. Antes porém passamos no escritório do Parque Nacional Canaima



Yuruani, uma pequena casa para carimbar os documentos.



Aguardamos o motorista dando uma esticada nas pernas, mas o processo foi rápido e seguimos adiante. Depois nova parada onde há realmente os desenhos de todos os montes do parque numa barreira de terra: Roraimo; Kukenan, Yukuani, Wadaka, Karauru, Trame Ai e Uru.



Neste trajeto então o Sidnei também nos acompanhou dentro do veículo e foi trazendo diversas informações sobre nossos 8 dias de caminhada pela aventura maluca que me colocaram e por incrível que pareça muito das coisas que ele falou dentro do veículo e que pensamos (cá em nosso interior “que besteira”) aconteceu mesmo. Ele estava certo.

No caminho paramos em dois pontos para que o motorista apresentasse nossos passes e documentos para continuarmos até o Roraima, coisa rápida e seguimos então, empolgados, até a aldeia de Paraitepuy.

Chegamos em Paraitepuy (que no idioma nativo é “sandália”), e daí a encrenca começa.



Nossas

versões

infantis

contarão

toda a

história

desta

incrível

aventura.



A JORNADA

A aldeia de Paraitepuy é o ponto inicial da jornada até o topo do Monte Roraima. É ali que você deixa seu registro, pega suas coisas e parte para o que pode ser algo espetacular, pode ser algo perturbador, pode ser uma



superação que você nunca acreditou que conseguiria, pode ser qualquer coisa que você imaginar, porém jamais será algo que não te marcará para sempre. O caminho é difícil, tem que ter resiliência e saber que haverá sofrimento sim. Então logo depois de chegarmos à aldeia já recebemos as primeiras instruções do guarda florestal dali, sobre os cuidados que precisamos ter como não deixar nada na montanha, não trazer nada pois seremos revistados e outras informações básicas. Também deixamos nosso registro e onde conhecemos nosso guia – Carlos – e o restante do pessoal que será nosso suporte nesta jornada.

Então chegou o momento. E foi assim:

DIA 01

Muitas pessoas estavam por lá, afinal é o ponto de origem desta jornada de oito dias que me enfiei (tudo culpa da Raissa, mas ela estava comigo também e ia sofrer também). Assinamos o livro de registro e preparamos as mochilas, e neste momento minha mente começou a perceber o tamanho da enrascada que havia me metido.

Foi nos fornecido então o protetor (isolante térmico) para o saco de dormir e também o saco de dormir, além de um lanche reforçado que comeríamos à alguns quilômetros de caminhada. A mochila começou a pesar e como não queria dar o braço a torcer fiz pouco caso em pagar um carregador pra mim.



Olhei para todos... para o céu... e então percebi que o “bicho ia pegar”.

Primeiro passo... tudo maravilha.

Segundo passo... indo.

Terceiro... quarto... quinto... sexto... sétimo... oitavo...

Então começou a já ficar difícil. A mochila incomodar, o sol atormentar e toda vez que olhava o horizonte via-se apenas a estrada longa que não terminava nunca.

Então caminhamos e desde o primeiro passo entendemos que o grupo seria muito unido, tanto os seis inocentes turistas quanto nosso amado guia e sua equipe que fez sempre o melhor para nos atender.



Nos primeiros 200 (duzentos) metros a primeira surpresa nos pega. O tênis da Raissa se abre e o que fazemos? Ela caminha mais algum tempo assim, com o solado abrindo e fechando conforme os passos e então paramos para colocar a fita silver tape. Isso deu para o gasto por algum tempo, porém perto do fim da caminhada do primeiro dia estava abrindo novamente.

Enquanto ajeitávamos o tênis da Raissa eu rezava para que a trilha acabasse logo. Como assim? Tinha apenas começado o martírio de 8 dias e eu já queria que terminasse? Sim, já estava ficando difícil... para não falar “muito difícil”.

Atravessamos o primeiro córrego, assamos por fossas sobre tábuas, por campos onde haviam atado fogo para espantar cobras e outros animais peçonhentos, pisando em pedra e mais pedra, pequenas e mais pedras pequenas, uma atrás da outra. Subida e descida se intercalavam, claro que ainda não eram as subidas e descidas que os vídeos apresentavam e os youtubers fazendo dando risada, era subida e descida amena, mas que nos testavam.



As primeiras sombras de árvores estavam sendo vistas distantes à frente, que beleza, mesmo com um pouco de caminhada chegaríamos lá, mas não se engane estas árvores estavam fora do caminho da savana que se avistava por todos os lados, então não devíamos ir lá porque atrasaríamos e não fazia parte do caminho... “vamos em frente”, dizia o Carlos.

Pouco tempo depois (bem isto para todos, menos pra mim que parecia uma eternidade) cruzamos um rio com água fresca e bem sombreado, onde paramos para comer nosso almoço, o lanche que tínhamos recebido na aldeia, que era um sanduiche de queijo, ovos, presente, tomate e também suco Não deveria ser apenas a fome ou que seja, mas o lanche estava fenomenal, muito bom e como descobriríamos depois todas as refeições que a equipe do Carlos nos preparava eram excelentes.

Ficamos ali por alguns minutos, que seja uns trinta minutos, e meu cansaço não passava, mas tínhamos que seguir adiante. De barriga cheia, juntamos o lixo e Carlos guardou em uma sacola e nos ajeitamos para seguir adiante.



Um passo... dois passos... três passos e a caminhada tomou rumo novamente.

O grupo sempre revezava a liderança, não porque queríamos estar liderando a caminhada, apenas porque isso acontecia normalmente e isto era bom, porque sempre uma pessoa estava caminhando com outro e assim sucessivamente. Hora era a Viviane conversando com a Raissa e o Igor, ora era ela conversando com a Isabel e ou a Eleomara. Hora era a Isabel conversando com a Raissa ou com a Eleomara ou com a Vivi (Viviane). Hora era um grupo conversando com o Carlos.

Claro, comigo praticamente ninguém queria caminhar afinal eu dava 20 passos e parava cinco minutos para descansar.

Quando chegamos numa encruzilhada com placas indicando alguns caminhos, Igor trocou sua mochila comigo e, sei lá, nem isso resolveu muito, tudo era pesado, tudo era um tormento...

Só havia momento legal para rirmos quando se dizia “olha a foto”, dai tinha que fazer cara de feliz...

Seguimos adiante e por glória a Deus, atravessamos outro riacho com árvores



frondosas e bancos feitos de tábuas onde pudemos descansar e uma mesa posta com melancia docinha nos esperava.



Devoramos aquela fruta e então eu estava praticamente para desistir (lembrando que aqui era a metade do caminho do primeiro dia (apenas o primeiro dia), dos 13 quilômetros previstos, então Igor e Raissa insistiram comigo para pagar um carregador para minha mochila porque realmente eu não aguentaria. E então vi que já perdi dinheiro, porque se tivesse contratado lá na aldeia, antes de sairmos custaria R\$150,00 por trecho, agora era R\$200,00. Merda!!!

Assim fizemos e o fardo aparentemente se tornou menor.



Levantamos, olhamos para o céu e fizemos nossos pés seguirem viagem. Passado um pouco precisei arrumar um banheiro, ali naquele descampado mesmo, porque meu corpo insistia em me incomodar.

Mais ainda, vários minutos depois encontramos uma clareira onde do alto que estávamos podíamos ver o nosso primeiro acampamento, longe, distante, mas ele estava lá, cabia agora seguir viagem.

Como a paisagem era espetacular dali todos quiseram tirar fotos e assim fizemos. Também chamamos o Carlos para ser fotografado. Talvez seja por causa da paisagem, mas ficamos bonitos nas fotos.



Seguimos viagem, os pés se elevando mais vagarosamente do que antes, um após o outro, cadenciadamente e vagarosamente. Fomos vencendo um quilometro, mais outro e logo o acampamento do rio Tek (que no dialeto indígena local significa pedra) estava adiante.



Praticamente uma aldeia, onde vivem nativos e onde se montam as barracas para passarmos a primeira noite. Finalmente chegamos, um atrás do outro, ou melhor dizendo eu por último, porque todos os outros seguiram adiante felizes da vida por estarem completando o primeiro trecho.

Quando chegamos tudo já estava preparado, nossas barracas, três no total para nós seis onde dormiríamos de dois em dois, a cabana onde preparariam a janta e o café-da-manhã



do dia seguinte. Rapidamente achamos as cadeiras que tinham montado e descansamos um pouco, mas era bom ir tomar banho no rio logo, antes de escurecer porque esfriaria muito e os pernilongos atacariam raivosamente.

Eu e o Igor escolhemos um local perto da descida para o rio para nos

banharmos e as meninas escolheram um pouco mais para baixo, onde estavam escondidas por algumas árvores e vegetação média.



O rio estava baixo, porque as chuvas ainda não tinham chegado. Seu fundo era formado por pedras pior que sabão de tão escorregadias, tanto que o Carlos nos instruiu a entrar no rio de meias para facilitar a locomoção, entretanto na primeira pisada eu já fui saber o porque de tão lisa, um corte no tornozelo me marcou toda a viagem.

Banho tomado, roupa trocada, voltamos ao acampamento onde um delicioso chá e café nos esperava. Muita comida gostosa estava sendo preparada pelo Bráulio e os demais.

Sentamos nas confortáveis cadeiras e ficamos conversando por um bom tempo, não acreditando que já tínhamos conseguido trilhar os 13 quilômetros da aldeia até ali. Olhamos para o céu e contemplamos estrelas, as quais havia muitos anos não conseguíamos ver em nossas cidades. Enquanto a janta estava sendo preparada Carlos se juntou a nós e falamos sobre a caminhada, sobre a superação deste dia, algumas lendas de sua tribo e sobre o dia seguinte.



Antes disto, porém, também aproveitamos para comprar alguns minutos de internet para falarmos com nossa família em nossas casas, pois ali seria o último local de contato até que voltássemos a este local no final da jornada. Viviane, antes de tudo, não se aguentou e comprou algumas cervejas para comemorar. Eu consegui rapidamente falar com a Celma e mandei uma foto da turma para ela e ela disse “misericórdia, só tem mulher ai. Coitado do guia. Se cuidem, tomem água com a pastilha também”.

Enquanto aguardávamos a janta, fizeram pra gente pipoca que estava muito boa.

Quando a barriga clamava por comida, uma mesa posta com um delicioso frango guisado com curry, arroz e banana frita (plátano) estava pronto.

E por volta das 20 horas o jantar foi servido. Todos sentamos à mesa (sim tinha uma mesa de madeira na cabana) e aproveitamos a comida muito bem preparada pelos cozinheiros. Todos repetiram o prato, tinha também uma pimenta maravilhosa para acompanhar e suco panelada.



A panelada é uma bebida que tem o equilíbrio entre o doce do caldo de cana e o cítrico do limão é feita dissolvendo o papelón (rapadura) em água, com suco de limão ou a fruta do limão e servido gelado.

Não precisamos falar aqui também da higiene e cuidado que o pessoal do Bráulio tinha com tudo.

Enquanto uns preparavam o jantar outros teciam o tênis da Raissa para que no dia seguinte estivesse pronto para ela continuar a viagem. Ela que se dizia a mais preparada e que disse que tinha levado tudo, foi a que mais sofreu porque não encontrava nada do que precisava ou então as demais meninas a ajudavam.

Tenho que lembrar e avisar a todos que este dia, consegui chegar até este acampamento em grande parte e por longas distancias porque a Raissa carregava minha mochila, enquanto eu fiquei apenas com a mochila de ataque que era bem mais leve (mas que pra mim incomodava da mesma forma).



Igor e Walter ficaram em uma barraca, Raissa e Viviane em outra e Isabel e Eleomara na última.

Boa noite, todos desejaram e se recolheram para suas respectivas barracas, o cansaço era grande e sairíamos as 8 horas no dia seguinte.

A árvore que ele apontava sempre era mais distante da que eu acreditava que era na verdade.

DIA 02

O primeiro dia tinha ficado para trás e relembrando, pegando a memória, eu mesmo não acreditava que iria conseguir chegar ali.



Acordamos por volta das 5 horas da manhã, depois de uma noite diferente, mas bem dormida. Já claro, mas o silêncio tomando conta, apenas com alguns barulhos da natureza e do pessoal da cozinha que já preparava nosso café-da-manhã.

Ao acordar, abrimos o zíper da barraca e olhando vagarosamente para fora encontramos a visão do Denílson, que mais parecia um ninja (sim, estes mesmos daqueles filmes japoneses), quieto num canto acompanhando cada movimento da gente. E por isto seu apelido ficou mesmo “ninja”.



Escovar os dentes, se preparar, arrumar a mochila e organizar a barraca, pois enquanto íamos para o desjejum o pessoal já começava a desarmar as barracas e organizar a comitiva para partirem para o ponto de pernoite seguinte.



Nosso primeiro café na trilha foi Domplin (um tipo de pastel de milho recheado, muito consumido em comunidades indígenas da Venezuela), ovos mexidos, duas fatias de goiabada e frutas, e uma porção de queijo ralado,

acompanhado de água quente para chá e ou café e suco, além de mel. E rapamos os pratos.

A caminhada de 12 quilômetros deste dia prometia, o terreno um pouco mais com aclives e declives, mas com muito mais pedras soltas que incomodaria constantemente a caminhada.



Tudo arrumado e minha mochila indo – graças a Deus – com o carregador, então o dia – ao menos para mim – seria mais leve. Bom! Isto depende do ponto de visão, afinal eu não sou dos mais atléticos e detesto estas caminhadas, afinal não vou caminhando nem à duas



quadras onde se encontra a casa de meus pais.

Iniciamos a caminhada então, após algumas informações de como seria o dia ditas pelo Carlos, durante o café.

Primeiro desafio do dia era a travessia do Rio Tek, o escorregadio rio que mesmo com pouca água era perigoso, mas a atenção do Carlos ajudou a todos e superamos rapidamente e seguimos por trilhas batidas e sinuosas, subindo a Gran Sabana. Lá acima uma igrejinha de pedras amarelas sozinha na colina era uma visão gratificante, um belo lugar para fotos e descanso.



A Ermita de Santa Maria de Tok Wono se ergue solitária no topo da colina entre o Rio Tek e o Rio Kukenán, e faz parte da história da família do Carlos desde muitas eras passadas.



Mais um pouco de caminhada e muito mais reclamações minhas, tentando descobrir quem que me convenceu à ir fazer esta loucura, subir um monte desta magnitude e dificuldade sem caminhar nem na cidade. Puta merda!

Menos mal que a Elo (Eleomara) nos brindou, a mim e ao Igor, com bandanas que protegeu nosso pescoço e cabeça do sol interminável por todo o trajeto.



Pouco tempo de caminhada e chegamos à beira da descida que dava ao rio Kukenán, não era fácil a descida então já fiquei imaginando no retorno que isso tudo seria subida. Mas até voltarmos aqui novamente haveria tantos outros desafios e tantas reclamações minhas que poderia escrever um livro.



Descemos um a um, hora, como no primeiro dia, um na frente depois outro e assim a caminhada ia ganhando forma, ao chegar a margem do rio, cheio de pedras e com águas violentas, Carlos estava lá novamente para nos indicar em qual pedra pular e atravessá-lo, passamos então por mais este e demos um tempo na outra margem.



Por lá encontramos um jovem nativo de nome John que mesmo parecendo novinho estava carregando uma grande mochila nativa com aproximadamente vinte quilos. Ele conversou com as meninas pois queria saber os nomes e inteirar-se conosco. Logo depois da margem, poucos passos, cabanas que provavelmente os indígenas utilizam para encontros, mas que estavam abandonadas.

Seguimos viagem, as meninas com sorrisos e conversando entre elas, também com o Carlos, sempre vinha uma pergunta sobre o terreno, sobre animais, sobre a vida das tribos, sobre as montanhas, sobre o clima, sobre o povo e tantas outras coisas que mulheres arrumam não sei de onde para manterem a língua se movimentando.

Eu, praticamente todo o caminho, sempre atrás reclamando de alguém que havia se convencido à fazer esta trilha.

Pedra após pedra, gole de água após gole de água, fomos para uma cachoeira que tinha no caminho.

Então deixamos as mochilas e tudo que estava com a gente encostados em pequenos arvoretas e seguimos a trilha para chegar à cachoeira, uma descida daquelas novamente e em certo ponto até perigosa, numa descida estreita entre galhos e raízes de árvores, mas a beleza do lugar valia a pena. As meninas aproveitaram e entraram na água, devemos ter ficado por lá quase uma hora.



Igor preferiu ficar ao meu lado e não se aventurou na água, que estava geladinha. Eu aproveitei para tirar um cochilo porque minhas pernas já davam sinais de cansaço. Num destes momentos um integrante de outro grupo viu meu tornozelo todo esfolado da queda no rio no dia anterior e pegou uma pomada de sua mochila e massageou meu pé, aproveitou e também fez no outro pé. Outro cavalheiro me deu um remédio para dor e disse que se precisasse de mais ele tinha. Me motivaram e disseram que quando fizeram pela primeira vez esta caminhada também queriam parar e voltar mas agora sempre vem e toda vez é diferente.



Chamamos ele de “elfo” por suas características físicas, muito parecido com Adar, o elfo corrompido que lidera os orcs, que o chamam de "pai" (o significado de "Adar" em sindarin).

Eles então seguiram seu caminho, com o mesmo objetivo nosso, mas o Carlos foi “gente boa” e permitiu que ficássemos um bom tempo por ali.

Então subimos aquela trilha novamente e encontramos nossos pertences onde tínhamos deixado, e claro né, quem em sua consciência ia querer roubar roupa, chinelo, mochila no meio do nada, acredito que nem pagando encontraríamos alguém pra fazer isso.

Então fomos na trilha novamente com destino para o acampamento base. Seguindo a trilha de pedras caminhamos lentamente então.

Nesta caminhada Carlos pode ir nos ensinando algumas palavras na sua língua natal (taorepang) como:

- Bom dia = Wakupero mupakai
- Obrigado = Wakupe kruman
- Muito boas noites = Tapon Tonkon
- Tuná = água
- Tepui = montanha

A Isabel incansável e determinada queria aprender as palavras e ficava repetindo pela trilha.

Muitas reclamações minhas adiante paráramos para o almoço. O local desta vez era um monte de pedras onde a equipe arrumou uma forma de prepara-lo.



Laranja, abacaxi,

bolachas, pão, salada cozida com batata, cenoura e ovos, era nosso almoço, além de suco. Um pouco de descanso e retomamos a trilha.

Todos foram à frente, me lembro bem, como se fosse hoje a Viviane dizendo “pode ir Carlos, eu já vou” e pegou seus bastões e seguiu a trilha, depois Isabela também partiu e em seguida Eleomara se levantou e disse “também estou indo Carlos”. E elas partiram, queriam chegar logo, ali era o Acampamento Militar, que na verdade de militar não tinha nada.

Raissa em seguida também partiu, Igor como sempre ficou me acompanhando porque a Raissa, se minha vida dependesse dela provavelmente eu estaria perdido lá na montanha ainda. E ela tinha falado, durante nossos preparativos em casa, dias antes de irmos para lá que era cada um por si, se eu não aguentasse ela não iria ajudar.

Então com um pouco mais de paciência eu me levantei, vagorosamente e arrumei a bandana (abençoada) e coloquei o boné e arrumei o corpo e partimos, energizado com a alimentação.

Para mim passou uma eternidade, mas para o Igor e Carlos foram apenas alguns minutos e eu já estava fatigado, respirando com dificuldade e parando para descansar novamente. E assim por – acredito – umas vinte vezes até que o acampamento base se mostrasse no horizonte.

Carlos, acredito que mais para me motivar dizia “tá vendo aquela árvore lá, onde tá aquele de camisa branca?”. Pois bem eu procurava isso no horizonte até encontrar e dizia “sim, estou vendo”, e ele então disparava “lá é o acampamento base”.

Eu não sei se ficava feliz ou triste. Se ria ou chorava porque mesmo vendo era uma trilha longa ainda. Mas de passo em passo fomos seguindo a trilha.

Igor, quando viu que a jornada estava tranquila, seguiu em frente, dizendo ao Carlos que ia adiante e depois de umas duas paradas minhas vi ele chegando nesta tão esperada árvore – ao longe.

Carlos e eu, para amenizar a caminhada íamos conversando sobre suas caminhadas, sua tribo e outros assuntos. Inacreditável, mas ele já subiu esta trilha 437 vezes. Não é mentira não. Também quando o menino em sua tribo tem 5 (cinco) anos já começam a treinar com uma guayare pequena (akai) e caminham pela savana por 4 ou 5 horas para ir se acostumando. Com 8 (oito) anos já estão preparados e com quinze anos já sobem a montanha em algum grupo.

Novamente minha barriga pedia para eu arrumar algum banheiro por ali e isto precisava ser rápido, então num descampado, atrás de algumas pedras realizei seu desejo.

Mais caminhada, mais parada, mais água e seguindo em frente. Lá na frente Carlos me mostrava novamente a árvore que ele tanto insistia que era perto do nosso destino daquele dia. E por incrível que pareça a árvore que ele mostrava não era a mesma que eu enxergava. Mas enfim, todas elas estavam distantes de qualquer forma.

E não é que – aos trancos e barrancos – cheguei na árvore que Carlos dizia que era perto do acampamento. Mas o perto dele como sempre não era necessariamente o perto meu.

E sofrendo segui adiante, mais uma subida e quando enxergo realmente o acampamento, tanto Igor como Elo vêm ao meu encontro para me ajudarem a chegar, e esta imagem, dias depois ela relata como uma das mais impressionantes para ela da viagem.

Enfim, estávamos no acampamento, ao pé da montanha, muito mais frio e a noite prometia que realmente seria mais fria que a anterior.



Nos arrumamos, organizamos as coisas, tomamos tanho no riacho ali perto numa água fria do cacete e voltamos para o acampamento. Depois a Isabel nos disse achei um outro lugar aqui pertinho que tinha sol e a água estava bem gostosa. A água quente para o chá e o café já estava pronta, bem como logo em seguida o prato de pipoca e num canto, sobre uma pedra o “ninja” nos cuidava como no dia anterior.

O acampamento fica numa colina que permite uma visão incrível tanto dos paredões da montanha quanto do vale lá embaixo, o que permitia vermos todo o trajeto que já tínhamos feito.



Neste local não tinha a cabana com a mesa grande de madeira e então nos ajeitamos dentro de uma barraca maior para jantarmos, mas como estava esfriando bastante ao terminar a janta nos recolhemos para nossas barracas.



Nesta foto, a Viviane já imaginava que deveria pagar um carregador para sua mochila também, levando apenas o essencial seria mais fácil a escalada. Então assim definiu.

Nossa janta desta vez foi, arroz, banana frita, beterraba, cenoura com maionese e carne de vaca guisada desfiada com legumes. Não preciso aqui dizer que repetimos novamente.



La me esquecendo e é importante relatar: A Viviane comia pouco, porque tinha passado por um procedimento cirúrgico e então comia bem pouquinho, enquanto que a Isabela devorava seu prato, repetia e devorava o resto dos demais. Ela apresentava um sorriso diário quando via que a Viviane não iria comer tudo. Até parecia uma sucuri em fase de engorda.

Barriga cheia, tomamos mais um chá para esquentar e partimos para a barraca, com bastante roupa, mesmo que o saco de dormir ajudava a esquentar, mas era melhor utilizar blusa, calça apropriada, meia, luva, gorro e o que tivesse disponível. Nesta noite as 7:30 h já estava muito escuro.



Era sábado e enquanto Celma estava no aconchego de uma cama quente, eu e nossos dois filhos aventurando no meio da savana venezuelana dormindo numa barraca fria.

Esta noite, pra falar a verdade não dormi como na anterior, talvez seja pelo frio que estava pior que na primeira noite, mas acordamos tranquilos e preparados para seguir mais um dia subindo então o paredão que se postava à nossa frente.

DIA 03



Ao abrir a barraca, colocar a cabeça para fora e ver aquela incrível paisagem, encontramos no canto, em cima da pedra o nosso tão preocupado e presente ninja, lá estava ele novamente observando tudo.

O dia amanheceu lindo, como podem observar pela foto acima, incrível, pena que minha mente já imaginava o que nos esperaria. Era o dia mais difícil de todos até então.

Domingo, 15 de fevereiro, imagina, um domingo incrível que poderia estar no conforto de nossos lares, usando nosso banheiro tranquilamente, e estamos aqui, acordando as 5 horas da manhã, cagando em banheiro improvisado pra fazer uma escalada que sabemos vamos sofrer. “Que idéia de jerico”. Pelo amor de Deus!



Mas por uma coisa podíamos agradecer. Além da beleza do lugar, estávamos afastados de toda informação da mídia hipócrita e também sem qualquer menção à festa do carnaval (que de minha parte poderia não existir que não faria falta alguma). Mas há quem goste, e não são poucas pessoas neste cenário. Afinal o mundo talvez esteja assim porque damos mais valor no fútil do que no que importa de fato. Ou seja, gosto não se discute, se afasta.



Tudo já estava preparado, a água para o chá e para o café, o leite em pó, o suco, e o dejejum que nesta manhã foi arepa (um pão achatado e redondo, feito à base de massa de milho pré-cozido, farinha P.A.N., tradicional da Venezuela, assada, frita ou feita na chapa (*budare*), é crocante por fora e macia por dentro, servida quente e cortada ao meio, recheada com queijos, carnes, abacate ou feijão a sua preferência), ovo frito, queijo ralado e mortadela frita. Uma delícia.

Alguns falam que estava gostoso por causa de nosso cansaço, porém não acredito. Estava bom, todas as comidas estavam boas, porque era simples, feito com cuidado e prazer. Os cozinheiros eram craques nisso.



Durante o café Carlos, como todos os dias, nos prepara pelo que está por vir, com suas instruções e calma que era sua característica, além da franqueza que o marcava, como quando lhe perguntávamos “hoje vai ser fácil?” e a resposta era simples “não” e assim como tantas outras.

Antes de partimos, e todos já prontos tiramos uma foto com todos e com o Carlos também para registrarmos este momento.

Ele então partiu na frente, como sempre mostrando o início do caminho, porém depois se preocupava com todos e ia transitando com a gente, ora com um, ora com outro e incentivando também, porque a imagem do caminho de subida que teríamos que fazer não seria nada fácil e isto ele frisava também. Porém, lá estávamos e não tinha mais como voltar. Então era claro, só tinha um caminho, mesmo que fosse difícil era pra cima. Como se diz “se você está no inferno, abraça o diabo”.

Igor e Raissa juntam as coisas mais leves em uma única mochila também e desta forma pagam um carregador para o restante do trajeto, pagando apenas um carregador ele leva as coisas



mais pesadas dos dois, dando oportunidade para revezarem apenas uma mochila conforme a escalada vai acontecendo.

Viviane também, como definido com o Carlos na noite anterior também despacha parte de sua carga o que lá na frente a ajuda para atingir o cume.

Isabel e Eleomara preferem continuar como estavam e mantem a carga de suas mochilas. Também são novinhas e mais acostumadas com longas caminhadas do que qualquer m de nós e querem mostrar pra si mesmas que vão conseguir.

Antes de sair, olhamos para cima e o grupo do “elfo” já estava indo escalando aquela muralha e comecei a imaginar... eu também vou ter que fazer isso? Tempo depois olhei novamente e lá estavam todos eles subindo... subindo.

Neste dia passaremos por uma escalada de 6 (seis) quilômetros até a base do topo, passando pelo Passo das Lágrimas. Fico imaginando então, será que lá é o lugar que vamos chorar e imaginar porque estamos aqui?

Então suspirei, ajeitamos as roupas, mochilas, e partimos, acenamos para nossos amigos da turma do Carlos que já tinham praticamente desmontado todas as barracas e ajeitado os utensílios da cozinha e também se preparavam para a subida, também acenamos para os outros grupos que partiriam mais tarde e seguimos o caminho.

Descemos a trilha que dava acesso ao pequeno riacho que tomamos banho no final do dia anterior, agora com um pouco de sol em suas águas e seguimos adiante.



Mata de todos os lados, galhos, terreno acidentado, raízes que tínhamos que cuidar para não tropeçar, então na minha mente eu já tinha andado uma enormidade, mas virando-se

e olhando para trás para baixo não tinha caminhado nada, provavelmente nem um quilômetro.

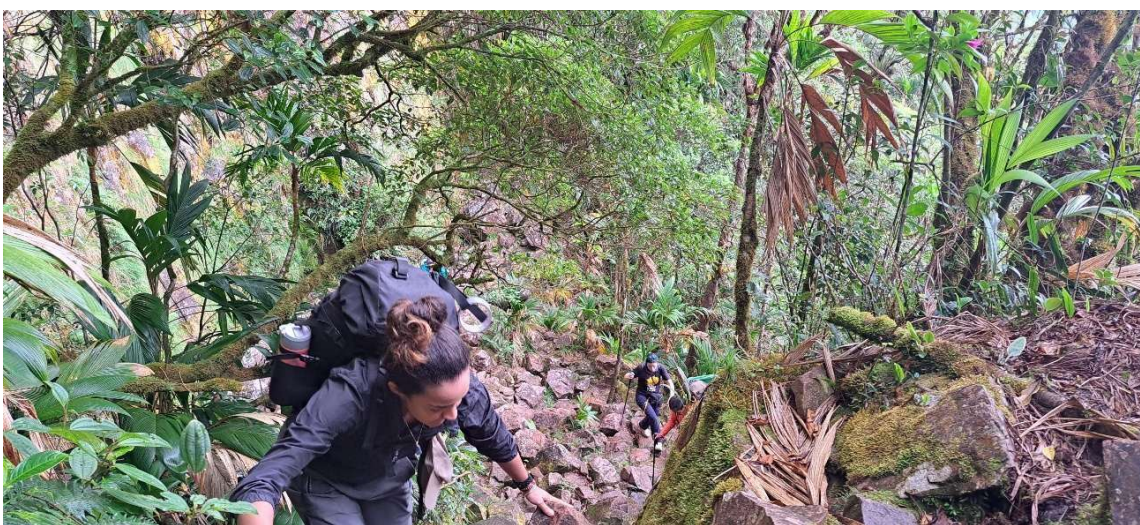
Eu então vou parando constantemente para tomar folego, e voltando a caminhar e logo em seguida parando novamente.

Depois de uma vida de caminhada (ao menos pra mim) paramos num riacho onde a água é limpa e ao seu lado a parede onde devemos pedir a proteção à montanha e mostrado que a respeitaremos (não gritar lá em cima, respeitar as coisas da montanha, não tocar em animais, plantas e rochas). Cada um então a toca e faz sua oração.

Neste momento também Carlos prepara um breve lanche, biscoitos e laranjas.



Recuperados partimos novamente, seguindo a trilha que cada vez mais nos leva ao topo. Vagarosamente um passo após o outro. E então percebemos nesta caminhada o quanto somos inexperientes, haja visto que toda a equipe do Carlos que estavam desmontando nosso acampamento quando saímos vão nos passando, carregando a incrível carga de materiais e utensílios da cozinha, barracas, botijão de gás, banheiro, alimentos e seus pertences, como se nada estivessem sentindo. Passam por nós, caminhando normalmente sem praticamente olhar para que pedra pisar usando croques (alguns deles) e sorrindo para nós.



Viviane olha aquilo e sorri, Eleomara balança a cabeça a cada um deles que passam por nós, Isabel tenta todas as vezes dizer alguma palavra na língua nativa, o taurepang que ela tinha insistido com o Carlos para lhe ensinar, Igor e Raissa em silêncio e ou em alguns casos dizendo “olha ai pai, eles nem sentem a caminhada” e eu refletindo sobre tudo isso e também querendo lembrar quem me trouxe até aqui.

Em conversa com Carlos depois ele diz que carrega cerca de 35 quilos, mas a mochila normalmente nestas subidas vai com 20 quilos. Mas tem carregador que chega a carregar até 40 quilos, porém normalmente eles levam 15 quilos. Este trabalho se inicia com 15 anos, como dito anteriormente e geralmente param quando fazem 50 anos. Mas isto não é uma regra rígida, cada qual sabe de sua capacidade.



No mirante que paramos, aproveitamos para descansar, comer o sanduiche que recebemos de manhã, mas como o meu estava com a Raissa e ela estava na frente eu fico sem almoço. Lembram né que no começo da viagem ela disse que “é cada um por si”. E tomo água, mais um gole ou vários e fico descansando por um bom tempo.

Olho mais uma vez lá pra baixo e fico imaginando ao enxergar ao longe, onde o dedo do Carlos aponta a sua aldeia e percebo o quando caminhamos, mesmo eu não acreditando que iria conseguir e imagino em casa, a família lembrando ou pensando como nós estaríamos, caminhando, subindo a montanha ou voltando para casa sem conseguir.



Lá de cima a imagem é linda e olha que ainda não chegamos ao topo.

Viviane dizia “ainda bem que eles estão levando minha mochila seria muito mais difícil.

Vejo a árvore que no dia anterior o Carlos tanto insistia que eu visse e que ela designava o acampamento base, mas me lembro também que ela era algo como um “ent” aquelas árvores místicas do Senhor dos Anéis e enquanto eu caminhava para alcança-la ela caminhava também se afastando de mim.



Continuo ali, descansando e todos partem na frente, Igor fica comigo enquanto come seu lanche. “Bebe água pai, já bebeu?” toda hora ele pergunta e vai me nutrindo como alguém cuidando de um idoso.

Daquele mirante que agora estamos podemos ver a descida que nos espera e em seguida uma subida do cacete. “Pra que descer tudo isso de novo pra logo em seguida subir nestas pedras, caramba. Porque não fazem uma passarela aqui pra encurta o caminho”. Mas não adianta eu reclamar é assim e não se deve mexer na montanha. Lembra da promessa no paredão de que a respeitaríamos, então é isso.

Mas fico olhando a subida que teremos pela frente, vejo Viviane lá, quase terminando a escalada, Isabel e Eleomara e cima com sua camisa verde e na passa em minha mente: se se pulo de lá o que faço.

Se você gosta de frescura seu não gaste dinheiro vindo aqui que

Seguimos adiante. Igor vai me sempre atrás da gente, porque ele ele estará conosco.



também Raissa nítida lá em verdade não sei o que se continuo, se paro, se volto,

lugar não é aqui, desista, você vai se arrepender.

acompanhando e Carlos sabe a subida vai ser dura e

Passamos pelo Passo das lágrimas, que neste dia está calma, uma queda de água lá do cume e que espirra suas gotas em todos nós que subimos pelas rochas, afinal não tem outro trecho, linda e incrível, mas que torna o caminho um pouco mais difícil com pedras escorregadias.

Passamos com muito cuidado por aquele trecho e com pedras maiores no caminho fomos superando uma a uma, contornando-as ou subindo nelas uma de cada vez. Então perto do meio-dia estávamos quase no topo, quase, ainda faltava um trecho que para o Carlos “era logo ali”, já pra mim “era longe ainda”.

Precisei então parar novamente, já não aguentava nem respirar direito e as pernas pediam



socorro. Assim parei, recebi mais água do Igor, “bebe pai”. Encostei em uma rocha, coloquei o boné no rosto e rapidamente comecei a roncar. Dormi.

Alguns minutos depois acordei e Carlos e Igor estavam ali ainda, ao meu lado. Carlos batendo com seu bastão na rocha e olhado para o céu. Eu imaginava que ele batia para me acordar e seguir viagem, porém ele educadamente disse que ele bate para escutar os barulhos da montanha e entende-la. Talvez isso fosse uma forma educada de dizer que eu o estava atrasando.

Mais um pouquinho dizia eu e Carlos então disse “toron poro” em sua língua. E assim eu repetia esta palavra sempre que precisava caminhar mais um pouco sem forças.

Relembro que antes de sair o Carlos disse que confiava em mim par atingir o cume. Na verdade, nem eu mesmo estava confiando, nem as meninas do grupo e muito menos meus filhos, mas se ele acreditava eu tinha que conseguir.



Olho para cima, vejo que todas as meninas já estão lá, só falta nós três, Igor, Carlos e eu, então não podemos ficar para trás e nos erguemos, nos arrumamos e bebo mais uma vez água, com a insistência do Igor e seguimos.

Estava perto o cume, mas não estava, sei lá. Aqui você caminha 10 quilômetros e na verdade foi apenas um ou dois. Pra falar a verdade a única pessoa sensata dessa história toda era a Celma, que dizia sempre pra mim “o que você vai inventar lá, você fica escutando a Raissa e só se enfia em enrascada”.

Pois bem, não deixa de ser mentira, mas aqui estamos e agora temos que terminar isso.

Quando pisei a primeira vez no cume, olhei tudo ao redor e procurei o acampamento índio (ou Hotéis como é conhecido o lugar) que ficaríamos então... cadê ele, não era ali não, tinha



mais uma caminhada pra ser realizada.

Que domingo incrível que estava sendo. Aquele sol não dava trégua.



Exausto, mas motivado para alcançar o final daquele trajeto continuei. Sabia que a cada passo que dava, porque não tinha como desistir, estava ficando um passo a menos, um



passo que marcava a chegada.

Quando virei por um monte de pedras grandes que tinha, olhei e avistei o nosso acampamento e então pensei “que merda que me meti”, era no alto, ainda mais alto encrustado em uma rocha que praticamente não tinha jeito de se mover, mas que incrivelmente eles já tinham montado as barracas por lá e também a cozinha, além do banheiro.



Subi ofegante, mas subi. Praticamente sem forças sentei na primeira cadeira que tinha por ali, que o Braulio me arrumou rapidamente quando viu que eu estava chegando. Com sensação de dor no peito e ofegante, pernas cansadas estava difícil. E a primeira bolha apareceu, incomodou praticamente toda a subida, mas com pomada ela praticamente parou de incomodar mas insistiu em ficar comigo todo o trajeto, só desaparecendo dias depois que eu estava no conforto de minha casa.

Todos alegres com suas conquistas e felizes por uma nova visão daquele lugar incrível e que se mostrava inacessível. Raissa, mesmo sendo durona, veio me abraçar e disse “conseguiu pai”.

A água quente já estava ali, café, chá, biscoitos, pipoca, leite em pó, chocolate e etc.



Fotos de todos os ângulos. Enquanto os cozinheiros e o restante da turma organizavam a cozinha e

já ia se mexendo para preparar a janta, Carlos e as meninas foram fazer um passeio breve ao redor do acampamento, foram até as jacuzzi, mas eu e Igor ficamos para descansar, dormir um pouco.



As 14:30 h um calor danado que tiramos as blusas pois estava muito quente, em seguida as 15:30 h tivemos que colocar novamente porque não estávamos aguentando o frio que fazia.

Mais uma vez nesta tarde tivemos as trocas de remédios, uma ajudando a outra no que precisava, dando apoio, voltamos a confirmar que um dos pontos fortes deste grupo foi a interação, afinal se não fosse o Carlos estaria enroscado tendo que aguentar eu e minhas constantes reclamações.



Rusbel, Pedro, Denilson, Diego Orangel, Bernardo e Braulio era a equipe do Carlos que cuidavam de tudo e tinham uma sincronia incrível. Davam um bom exemplo para qualquer área de administração de uma empresa na cidade.

Mesmo na escuridão da noite Braulio preparava nossa refeição. Nossa janta foi macarrão com carne

moída e queijo ralado. Aqui a pimenta que o Carlos sempre



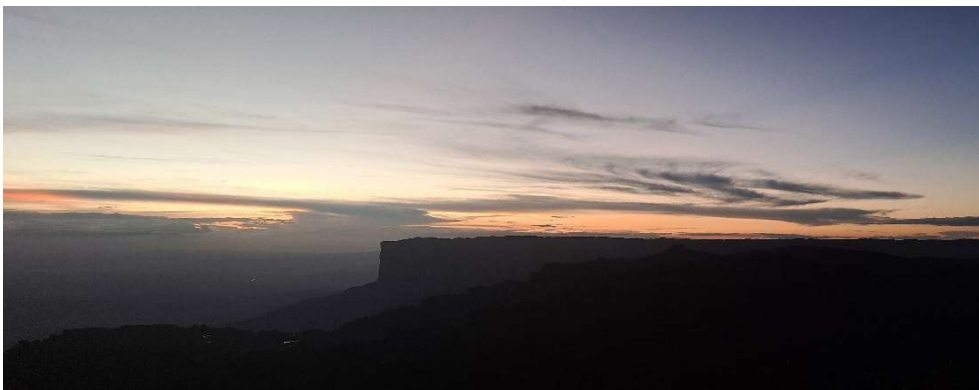
levava consigo foi excelente dando um gosto especial à carne moída e ao macarrão. Estava

muito bom e repetimos uma vez mais. Eu como não tinha almoçado, comido nada além do café-

da-manhã fiz uma bela janta. Mas a Isabela - lembram da sucuri - comeu duas vezes e mais um pouco da parte da Viviane, mais um pouco da Eleomara.

Também tivemos chocolate quente, suco de uva e mel.

Fomos dormir e desta vez dormimos sem banho. Estava muito frio e não havia água por ali tinha que ir um pouco longe e eu não estava a fim não, queria era mais descansar, porque no dia seguinte seria uma bela de uma caminhada, deixaríamos este acampamento e iríamos até o acampamento quati, longe pra dedéu. Então os lencinhos umedecidos foram uma boa alternativa.



A noite então nos dominou e dormimos, mesmo com a sensação de perigo daquele lugar encrustado nas rochas e o abismo lá embaixo, há poucos passos da barraca.



DIA 04

“Se me ouvirem falar em Monte Roraima novamente, podem chamar os psiquiatras porque estou com demência”, esta sentença eu disse logo pela manhã do dia 04, quando acordamos no alto da colina nas barracas encrustadas na rocha.



Nosso café ficou pronto em seguida e como sempre comida gostosa nos aguardava. Havia panqueca com queijo ralado, geleia, suco, café, chá e mel.

Depois deste belo café, onde recebemos novamente as instruções diárias do Carlos, nos aprontamos e seguimos a trilha, Carlos saiu na frente como todos os dias para mostrar o caminho, depois íamos

revezando na liderança. Um dia belo novamente com o sol subindo e nem sinal de chuva, o que eu rezava pra não ter. Preferia o sol ardente do que a chuva em nossas cabeças.



Aqui em cima, durante toda a caminhada e nos outros dias que ficamos no cume, pudemos observar que é um monte totalmente diferente, um mundo a parte, um mundo perdido, com flora exclusiva, endêmica e animais que também só

aparecem aqui. Incrível. Pedras, areia, cristais, lagos, mata e tanta diversidade que enchem os olhos. Formações rochosas que lembram tartaruga, dragões, galinhas e outras imagens.

A caminhada deste dia, como foi por um terreno mais tranquilo que a subida do dia anterior nos fazia pensar em muitas coisas, refletir e eu pensei logo no seguinte “nem comi a maçã e estou aqui, neste lugar”, com ênfase no conto do jardim do Éden, onde a bela Eva dá a maçã para seu esposo Adão e ferra com toda a humanidade. Puta merda não tinha nenhuma criatura viva naquele lugar naquela hora pra impedir isso?



Mas isto foi a muito tempo e outras histórias da humanidade nos mostra que a humanidade não teria um caminho de paz e felicidade mesmo, independente da maçã, talvez houvesse outras frutas que ferraria a nossa história.

Este dia o terreno seria mais fácil, porém a distância era longa, muito longa, cerca de uns 20 quilômetros nos esperava. Pra falar a verdade depois de um tempo caminhando por aqui nem mesmo o caminho plano é bom, imagina o acidentado.



A primeira parada oficial demorou bastante, porque outras eu já tinha parado várias vezes, foi para vermos o abismo que mostrava a beleza da floresta do lado da Guiana, mas

infelizmente estava bastante nublado e foi impossível. Então aproveitamos para comer um lanche rápido com biscoitos e abacaxi.



Depois de todo o lixo ser coletado

seguimos o caminho. Passamos pelo marco da tríplice fronteira, onde Viviane quis fazer um vídeo de todos correndo ao lado do marco atravessando em instantes três países diferentes.

Ali por perto vimos quati, animaizinhos belos e fofos, foi possível vislumbrar uma mãe carregando seu filhotinho. A foto deste momento ficou muito ruim então não vamos colocar ela aqui.



A caminhada nos mostrou que as rochas vão criando um caminho próprio que precisamos seguir para dar conta do percurso.

Pulando de pedra em pedra, algumas mais distantes que as outras onde exigia atenção redobrada, passando por fissuras onde aparentemente tinha que murchar a barriga para atravessar e escalando pedras que pareciam impossível de conseguir seguimos viagem e chegamos ao vale dos cristais, um local também incrível e totalmente diferente de tudo que já tínhamos visto. Mas lembre não se pode pegar nada da montanha, então para os apaixonados nos cristais é proibido levar qualquer coisa. Tem muita que o Sidnei deixou muito claro para todos.



Então sabendo que vai custar caro a visão e as fotos já falem o momento.

O sol não dava trégua, ainda bem que lá em cima da montanha o vento também não e assim ele ajudava a refrescar o dia que o sol insistia em fazer arder.



Raissa tinha dado azia porque eu tinha deixado o gorro na minha mochila de ataque, mas chegando um momento do caminho ela procura pelo gorro porque está muito quente o sol e é o que temos para proteção.

Caminhamos e caminhamos, a tortura da caminhada continuava. Até que chegamos no fosso, onde há uma grande depressão e um lago maravilhoso para se banhar, com uma caverna subterrânea formada por galerias e piscinas naturais, apesar da dificuldade de chegar até ele ou mesmo retornar. Enquanto as “gatinhas” do grupo iam para o fosso eu e o Igor ficamos descansando e esperando elas retornarem porque era atrás das rochas que estávamos e que o pessoal do grupo preparava a “bóia” do almoço.



Enquanto a comida não saia, perguntei para eles se tinha água quente para tomar um chá e me disseram que não tinha, mas que fariam se eu quisesse. Respondi para eles que não precisava não e que tudo estava bem, porém daí a pouco eles me trouxeram a garrafa cheia de água e o chá para tomar. “Mas eu falei que não precisava” disse para eles e me responderam que tudo estava bem.

Nisto o grupo do “elfo” apareceu também caminhando por ali e almoçaram pertinho da gente pois a comida deles já estava tudo preparada. Nisto o homem que tinha me dado um remédio na cachoeira no segundo dia, perguntou para o Igor “e seu pai como ele está, está tudo bem?” E Igor disse que sim e eu que estava bem pertinho dele não me reconheceu. Terminaram o almoço e partiram, enquanto as nossas amigas voltavam do fosso já com bastante fome.

Carlos que tinha ido com elas para mostrar o caminho e ajudar no que precisasse, retornou também.



Então saboreamos o almoço que desta vez foi arroz com lentilhas, calabresa, suco, chá e café.



Descansamos um pouco, e seguimos adiante pois ainda faltava um bom caminho até nosso novo acampamento onde ficaríamos duas noites, o acampamento Quati que era do lado brasileiro.

A trilha ora ficava mais tranquila, ora ficava mais difícil, ora eu queria continuar, ora eu queria largar tudo e assim foi até chegarmos ao nosso novo destino.

Depois de muitos passos escalamos novamente mais um terreno íngreme e por lá descansamos mais um pouco, ainda faltava bastante para chegarmos.

Nisto nossos amigos que tinham preparado o almoço já passavam por nós com aquelas mochilas deles (guayare na língua nativa) carregadas e sorrindo, em poucos minutos desapareciam no horizonte.



Então como de costume, uma das meninas se levantou, se arrumou e partiu na frente, depois outra e outra e assim foi... eu refletia se deveria ir ou ficar, mas de qualquer forma tinha que ir (como que ia ficar?)

Carlos sempre acompanhando de perto sem nada dizer ou responder apenas quando questionado.

Chegamos em uma ponte de madeira perigosa que o governo brasileiro tinha feito ali, e vendo a mesma então brincamos porque com aqueles cabos de aço amarrados nas pequenas árvores da montanha provavelmente o governo tinha gastado alguns milhões de reais para colocar uma placa de ferro, cabos de aço e uma placa informando sobre a ponte. Apesar de ser um assunto que nos dá nojo e tristeza, lembrando dos superfaturamentos e

dos desvios virou naquela situação motivo de chacota e risos e sempre que lembrávamos comentávamos sobre a quantia que deveria ter sido gasto ali.



Lembramos que para você subir o Monte Roraima, mesmo que você não queira pagar uma agência brasileira ou venezuelana você precisa arrumar alguém da aldeia que seja cadastrado na agência de turismo do país para subir a montanha, você não pode ir sozinho em nenhuma hipótese.

Aquela caminhada extenuante como estava sendo e longa, a mais longa de todas até agora, dizia o seguinte pra gente, reflitam, reflitam sobre suas vidas.

Eleomara, superando um resfriado e mal-estar que teve dias antes da chegada em Boa Vista quase não veio pois os médicos na cidade queriam interna-la para tratamento e não concordou, tomando apenas algumas injeções para melhorar e poder viajar e lá estava ela, teimosa carregando sua mochila intacta, parando em alguns momentos para descansar, refletindo e continuando a caminhada.

Viviane Inglês, que até em seu nome tem idioma estrangeiro e eu não consigo falar nem o português corretamente, em certo momento parou, sentou em uma rocha, colocou o bastão de caminhada apoiado em outra e chorou, lembrando que há três anos atrás estava na UTI de um hospital em Curitiba superando cirurgias sérias que tinha realizado.

Isabel refletiu sobre a sua vida na pequena cidade de Bonito, onde trabalha e atende a comunidade indígena no ramo da ginecologia, refletiu sobre seu pai que tinha partido pouco tempo antes.

Igor e Raissa não sei no que pensaram ou refletiram, afinal não me disseram.

E eu não vou dizer né, melhor ficar pra mim meus pensamentos.



Em pouco mais de uma hora atingimos as grutas rochosas denominada Gruta do Quati e onde as barracas já estavam prontas para nossa chegada. Também a cozinha já toda organizada (na medida do possível) em cima de pedras.



Mas a alegria deles não era diminuída pelas dificuldades, ao contrário sempre estava com sorriso, prontos para dar a melhora atenção pra gente e preparar o que precisávamos. Neste dia também fiquei sem banho e novamente recorri aos lenços umedecidos.

Frio, muito frio esta noite e precisei colocar duas meias para conseguir dormir. Esperávamos ansiosos pela janta, como todas as noites e enquanto isso pipoca quentinha, chá e café, leite em pó estavam disponíveis para nos aquecer. Com aquele frio parece que o tempo não passava e a comida



demorava, mas eles prepararam a janta bem antes do horário normal para que pudéssemos comer e dormir logo.

Tanto minha calça quanto a da Raissa tiveram problemas de costura, a minha rasgou entre as pernas e a da Raissa na bunda, então à noite no acampamento eles também deram um jeito em arrumar nossas roupas, além de novamente darem um trato novamente no tênis da Raissa.



A janta deste dia foi: Pamonha venezuelana, com carne e queijo. E estava muito bom.

Pela exaustão da caminhada a sucuri apareceu novamente e abocanhou um pouco de cada pessoa enchendo seu estomago.

Nesta noite como estava muito frio, conversamos pouco com Carlos, apenas enquanto jantávamos para saber das histórias com o Sidnei, que eles dizem Sind (é a pronuncia deles para o nome Sidnei) e rimos porque o Sidnei, no caminho que pegamos da fronteira para a aldeia nos disse que eles não conseguiam falar o nome dele corretamente e se ouvíssemos eles falarem Sind, era dele que estavam falando.

Mas não faltou um abraço no Pedro.

A noite então nos abraçou.

DIA 05

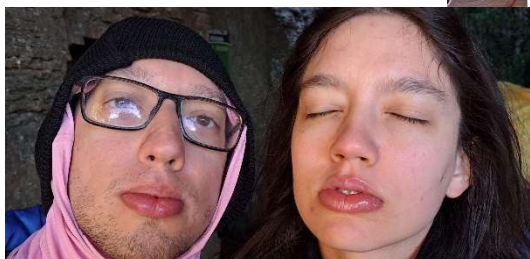
Tudo muito bom, agora é chegada a hora de caminharmos pelo lado da Guiana do cume do Roraima. Logo de madrugada Isabel e Viviane tinham ido com o Carlos ver o nascer do sol que dizem era incrível. Raissa também tinha combinado de ir porém preferiu ficar dormindo e deu “os canos” na turma.



Após o costumeiro café da manhã, que como os demais dias era extremamente delicioso, partimos. Mas antes vamos falar do nosso café deste dia. Pão caseiro, ovos mexidos, porção de queijo ralado, geleia de abacaxi, mel, chocolate, café, chá e suco (panelada), além de leite em pó.

Minhas pernas já estavam cansadas antes mesmo de começar a caminhada.

Igor olhando para o vazio, imaginando provavelmente como seria o dia em questão e refletindo porque seus lábios estavam inchados. Viviane conferindo se em sua necessaire estão todos os remédios que pode precisar pelo caminho,



claro que ela levava também para todos os demais, principalmente para a Raissa que nunca encontrava o que precisava. Raissa também refletindo sobre seus lábios inchados e de quem ela ia pegar coisa emprestada porque na sua mochila que estava pesada tinha trazido tudo mas não encontrava nada. Isabel que comia, comia, comia porque o dia ia ser longo e Eleomara que organizava suas garrafas e itens que seriam importantes neste dia.

Após reduzirem o café-da-manhã à zero, consultamos as roupas no varal improvisado que Carlos tinha montado, mas ainda estavam molhadas, então elas continuariam ali quando nos aventurávamos pela caminhada do dia.

Tinha chovido um pouco à noite, e quando acordei por volta da uma da manhã, fiquei imaginado que o dia de hoje seria terrível para caminharmos e que todas as rezas que tinha feito e o pedido à montanha para que não chovesse durante nossa jornada pela montanha não tinha surtido efeito. Mas eu estava enganado. O dia amanheceu incrível, com um clima gostoso, os raios de sol despontando e dizendo que podíamos ficar tranquilos que não haveria chuva. E claro, eu também tinha duvidado do Carlos, porque ele olhou quando estava escurecendo e disse que não ia chover no dia seguinte. Então, ele conhece imensamente mais a montanha do que qualquer um de nós.

O lugar que estávamos era lindo, no alto, cercado por vegetação e protegidos pelas cavernas do local.

Saímos então pela jornada daquele dia. Carlos como sempre na dianteira nos mostrando o caminho. Logo nos primeiros passos vimos que a chuva da noite tinha sido apenas passageira e para deixar a trilha ainda mais bela.



Esta trilha era bem diferente da do dia anterior onde havia somente pedras e mais pedras, aqui o verde se mostrava com vitalidade, pequenos veios de água, pequenas poças e alguns pequenos rios correndo rapidamente, flores se despontando onde era impossível, árvores e alguns pássaros. Então, lembramos que ainda não tínhamos visto o famoso sapinho preto que é endêmico desta região.

O sapo-preto-de-Roraima, de nome científico estranho, Oreophrynella quelchii, possui de 2 a 3 centímetros de comprimento e existe somente no topo do Roraima e com seu tamanho e cor escura é difícilimo vê-lo entre as rochas. Vale lembrar que não devemos tocar nele, afinal como é endêmico qualquer contato com o ser humano pode acarretar em doenças e com isto destruir toda uma colônia deles. Esse bichinho preto aí no meio da vegetação é o famoso sapinho.



Então pensamos que seria o dia certo para o encontramos. Mas deixa isto para outro momento.

Seguimos nossa caminhada, como das outras vezes, nos revezando na liderança, Carlos sentindo qual o melhor local para pisarmos e seguir adiante e observando cada rocha e tentando entender sua melodia.

Pulando de pedra em pedra, saltando sobre poças de água e às vezes pisando dentro do barro por engano, continuamos e chegamos num local de belos pequenos riachos.



Então esta paisagem nos mostra claramente que aqui é um mundo perdido, algo que não se vê em nenhum outro lugar, além da fauna, a flora também é extremamente diferente do que estamos acostumados e cerca de 35% é endêmico.

O Monte Roraima – que compreende três nações possui 85% na Venezuela, 10% na Guiana e apenas 5% no lado brasileiro - é uma formação geológica única no mundo, um platô com o ponto máximo de 2.810 metros de altitude e marca a tríplice



fronteira entre Venezuela, Guiana e Brasil e foi por esta questão que visitamos três países ao mesmo tempo sem gastar uma enormidade em passagens aéreas. Este



monte foi a inspiração do livro “O Mundo Perdido” de Arthur Conan Doyle, escritor escocês e criador do famoso detetive Sherlock Holmes. Este pico também foi inspiração para o filme “Up – Altas Aventuras” da Pixar.



Um lugar mais bonito que o outro.

Porém mesmo nos lugares mais difíceis, já que não queríamos molhar nossos pés, havia pedra, aparentemente colocas ali à noite pelos deuses para mostrar onde deveríamos pisar,



onde era seguro. Claro que as vezes isso só não bastava, como ficou claro para Raissa e Viviane que em certo momento afundaram seus pés e logo veio a exclamação “putz”, mas nada de mais e continuamos.

Em certo momento paramos para contemplar a beleza do lugar, em outro paramos para descansar, em outro paramos para encher as garrafas de água.



Ainda não disse mas, agradeço aos meus filhos que estavam comigo nesta viagem, afinal eles tinham garrafas de água e toda hora insistiam que eu deveria beber um pouco, porque se fosse eu apenas, não tinha lembrado disso e teria passado a jornada toda sem beber água.



Depois de bastante caminhar chegamos ao primeiro mirante, onde tiramos foto junto com Carlos e por ali ficamos um bom tempo.

Mas nosso objetivo era o lago Gladys, que é o maior corpo de água no topo do Monte Roraima. Situado próximo à “Proa”, é um local de contemplação cênica, com águas



escuras e cercado por formações rochosas. O lago é famoso por sua beleza cênica e isolamento. O lago é cercado por lendas indígenas e místicas, é visto como um lugar sagrado onde Makunaima, figura central da mitologia local, teria sido concebido. Os povos originários

recomendam não se banhar nele, pois isso seria uma ofensa ao espírito guardião. Os indígenas acreditam que entrar nas águas incomoda Makunaima e pode trazer má sorte. Também há uma narrativa que conta que o Sol e a Lua, apaixonados, mas sempre separados, finalmente se encontraram durante um eclipse. Seus raios refletiram no lago e desse encontro nasceu Makunaima.

O Lago Gladys não é apenas uma paisagem natural, mas um símbolo cultural e espiritual para os povos indígenas do Monte Roraima. Suas lendas reforçam a ideia de que certos lugares guardam histórias que transcendem o tempo e a geografia.

Mas também há a lenda de Ana Mari, a grande serpente que habita o lago e não deve ser incomodada. Carlos nos deixou isto bem claro, quando disse que todo respeito no lago é importante.

Uma lenda indígena que fala de uma serpente gigantesca chamada Ana Mari que habitaria este lago. Ela é considerada uma guardiã espiritual e representa forças da natureza que não devem ser desafiadas. Povos indígenas como os Pemon e Macuxi contam que no lago vive uma serpente colossal chamada Ana Mari. Ela seria a protetora do lago e do Monte Roraima, impedindo que humanos profanem suas águas. Por respeito à serpente e ao espírito de Makunaima, os indígenas alertam que banhar-se no Lago Gladys é perigoso e pode trazer desgraças. A serpente representa o poder da natureza e a ligação entre o mundo físico e espiritual.

Esta lenda tem referência com outras lendas através do Brasil, como:

Lenda	Local	Criatura	Significado
Ana Mari	Lago Gladys, Monte Roraima	Serpente Gigante	Guardiã espiritual, protetora do lago
Cobra Grande	Amazônia	Serpente imensa nos rios	Símbolo de poder e fertilidade
Boiúna	Rio Negro	Serpente negra	Espírito das águas, ligada a transformações.

E na verdade o lago é incrível e por ali paramos um bom tempo também, onde pudemos saborear um melão todo cortado pelo Carlos. E neste local tiramos várias fotos e o interessante é que Carlos pediu para tirarmos uma foto dele com os braços abertos na borda do lago.



E ainda mais incrível que pediu para tirar uma foto comigo neste lugar cheio de magia. Uma pessoa que já subiu 437 vezes esta montanha querendo tirar uma foto comigo que estava ali (ainda não descobri como estava ali), e não sabia como que voltaria, inteiro ou aos pedaços.



Neste lugar descobrimos que a Ana Mari é perigosa se acordada e pode nos engolir facilmente,



porém ela não conta com a fome que a Isabel tem, a qual poderia engolir a Ana Mari facilmente, sem qualquer esforço e ainda pedir uma fruta como sobremesa.



Depois de um belo descanso, de comermos o melão, de tirarmos fotos e ouvir as histórias do Carlos sobre o lago seguimos viagem, passamos por um local onde há algum tempo tem os destroços de um helicóptero da tv Globo

com destino ao Mirante da Proa.

Lugar onde chegamos depois de bastante caminhar e onde as meninas se deliciaram com a visão e com inúmeras fotos.

Muito bem! Tudo muito lindo, porém começamos a retornar e deste ponto em diante marava o início de nosso retorno de tudo que estávamos fazendo.

E assim por um bom momento caminhamos, sem nada pensar, quer porque ali estávamos, quer seja sobre as lendas da região, quer sobre o retorno para a cidade grande onde a vida voltaria ao normal. Ali em cima a caminhada te permite caminhar longas distancias sem pensar em nada, ter a mente livre de qualquer problema, de qualquer pensamento seja ele bom ou ruim.



Por outro lado, também há momentos em que é importante refletir sobre o que realmente é importante em nossas vidas.

No retorno pudemos olhar com mais cuidado as plantas carnívoras que se estendiam por grandes áreas, além de outras plantas, uma mais bela que a outra e totalmente diferentes das que já havíamos visto. Igor e Raissa me lembraram que não podia pegar nenhuma



muda ou semente que fosse lembrando-me da multa quando do retorno à aldeia e da revista que teríamos.

Neste retorno, como em alguns outros momentos lembramos que parecíamos aquele grupo da Sociedade do Anel caminhando por regiões estranhas e descobrindo novas coisas a cada momento em busca de algo a ser descoberto.

Além da caminhada bela, teríamos nosso almoço naquela paisagem pitoresca e deslumbrante, que já estava sendo finalizado pelo Bráulio e seus companheiros. E assim em meio às rochas nos encostamos, descansamos e saboreamos mais uma

deliciosa refeição.



Desta vez era carne desfiada, arroz preto, banana frita e arroz branco, suco e café completavam o almoço.



Depois que acabamos a refeição, claro com a Isabel comendo duas vezes, eles arrumaram tudo, cataram o lixo, lavaram as vasilhas, colocaram em suas mochilas e voltaram para o acampamento Quati. Nós ficamos por ali um bocadinho pois iríamos nos banhar naquele rio bonito, cheio de vegetação e cascatas que nos impressionava.

Então as meninas foram para um lado do riacho e nós para outro.



Depois de um banho frio, porém refrescante tiramos um cochilo rápido e começamos o retorno ao acampamento.

Então ajeitamos nossas coisas e demos início a caminhada.



Mesmo que pelo caminho que viemos nós voltamos a visão era outra, não sei dizer se mais incrível, porém diferente, era a visão de outro ângulo e mesmo que pisando nas mesmas pedras da ida a volta era diferente.

Na volta as histórias eram outras, e meus filhos e eu conversamos por um longo período, enquanto que Carlos conversava com as meninas e se revezavam na liderança. Eu, neste retorno preferi estar sempre atrás caminhando mais devagar.

Também conversei bastante com o Carlos, conversa que continuou à noite no acampamento.



Igor nesta caminhada preferiu ir tirando alguma rocha, no meio das plantas ou apenas no alto de alguma pedra.

Depois de uma bela caminhada e paisagens incríveis, além de cansaço chegamos de volta ao acampamento Quati, onde agora havia várias outras barracas instaladas, pois, novos grupos estavam chegando por ali e passariam aquela noite conosco nas cavernas.

Bom a primeira coisa a fazer quando chegamos foi sentar nas confortáveis cadeiras já armadas pela equipe. Tirar o tênis, o boné, a bandana e deixar o corpo relaxar, conferir as feridas e acalmar a mente.



A pipoquinha veio rápido e então acalmou a Raissa que fica uma “fera” quando a fome bate. Depois a água quente para o chá ou para o café.

Neste intervalo entre esses aperitivos e a janta, Eleomara e Carlos estavam sentados comigo fora das barracas, enquanto o novo grupo chegava ao acampamento e Isabel, Igor, Raissa e Viviane estavam em suas barracas ou arrumando as coisas ou tirando um cochilo.

Nisto conversei com a Eleomara para ela escrever uma mensagem sobre nosso grupo, nossa jornada e o que a impressionou em tudo isto e então ela o fez, em seguida apareceu a Isabel que também fez o mesmo e em seguida a Viviane que também fez suas anotações. O Carlos também disse que escreveria, mas quando voltasse para a aldeia e assim ele o fez e me enviou sua mensagem via whats dias depois. Igor e Raissa escreveram também quando já estávamos em casa.

Esta noite Carlos estava mais conversador que o normal e falou sobre várias histórias de sua gente, também de sua família, seus filhos e suas subidas à montanha e sobre Candido Rondon que esteve na aldeia com sua comitiva e sua família tirou fotos com eles, tem até um livro registrando isso, o qual fez questão de mostrar as fotos pra gente. Contou sobre os costumes de sua tribo, também que ao retornar desta jornada vai para o campo que fica a um dia de caminhada passar o final de semana, onde vai pescar, comer frango e descansar. Também relata que está escrevendo um livro sobre a



história de sua gente, sua tribo, pois as informações que há na internet não são tão confiáveis como deveria, já tem trabalhado neste projeto há algum tempo. Também é professor na escola da aldeia e possui um prestígio na comunidade sendo um dos principais líderes da tribo.

Também conversando com o Carlos sobre a descida que teríamos daí a dois dias ele disse que eu conseguiria sim, afinal em todas suas excursões já tinha conseguido uma senhora de 89 anos fazer todo o trajeto, um cara de origem eslovaca com prótese na perna e um velho manco, então com certeza eu também conseguiria sim.

Ele sai das grutas e contempla o céu e retorna dizendo que não vai chover no dia seguinte. Então acreditamos.

Mais a noite uma sopinha para aquecer o corpo e a alma foi servida e a pimenta do Carlos fez sucesso com a sopa. E então como de costume repetimos o prato, mas não consigo me recordar de quantas vezes a Isabel comeu. E em conversas com os demais membros do grupo nenhum também se recordou da quantia.

Antes de terminarmos a janta comento com o Carlos que havia indícios de que a turma para fazermos o passeio com as mudanças que houve nos roteiros antes do início e por questões políticas na Venezuela seriam apenas meus filhos e eu, então ele fez uma cara meio que “eu estaria ferrado então”.

Como estava muito frio o jeito foi terminar a janta e correr para a barraca, pois este dia sairíamos mais cedo que o de costume retornando para o acampamento índio (Hotéis).





DIA 06

Vamos começar este dia, que seria nosso retorno ao acampamento índio (Hotéis), as barracas no alto da montanha encrustado nas rochas com a mensagem da Eleomara que tinha escrito na noite anterior, naquele frio que nos apertava antes de comermos a deliciosa sopa preparada com carinho pela equipe do Carlos.



“Eu sou apaixonada pela natureza e estar aqui é a realização de um sonho. Eu pesquisei por cerca de um ano antes de vir aqui, inclusive com outras empresas que realizam essa expedição. Está sendo uma experiência única, essa é a minha primeira expedição (espero que ainda tenha muitas). Além de subir uma montanha está sendo uma imersão cultural com muito aprendizado. Aqui estamos desconectados do mundo e com isso eu estou conseguindo refletir em coisas que normalmente não penso e isso tem me marcado: o nascer do sol no mirante do Roraiminha, quando o pássaro chegou perto cantando. No terceiro dia quando chegamos ao cume, nesse dia eu pensei pela primeira e única vez em desistir e foi recompensador não ter desistido. Ver o senso de coletividade da nossa equipe. Ver o céu estrelado no primeiro dia. Posso dizer que

foram muitos os locais visitados que me marcaram, os tepury de longe assim que chegamos. Passo de las lágrimas, mirante roraiminha, el fosso, mirantes, jacuzzi. O momento de pedir permissão para subir a montanha foi uma sensação indescritível. Deu para sentir a energia da montanha ao tocar nela. Foi muito emocionante e além de pedir permissão eu agradei

por poder estar aqui e receber essa energia dela. O vale dos cristais também é lindíssimo, mas foi onde eu menos senti energia, achei engraçado isto. Obrigada!”. Eleomara.



Bom vamos começar com nosso café-da-manhã que foi ovo frito, mortadela frita, queijo e arepa. Além de café, chá, leite em pó, chocolate e mel.

Instruções então para nosso retorno ao primeiro acampamento que tínhamos ficado no todo do Roraima e

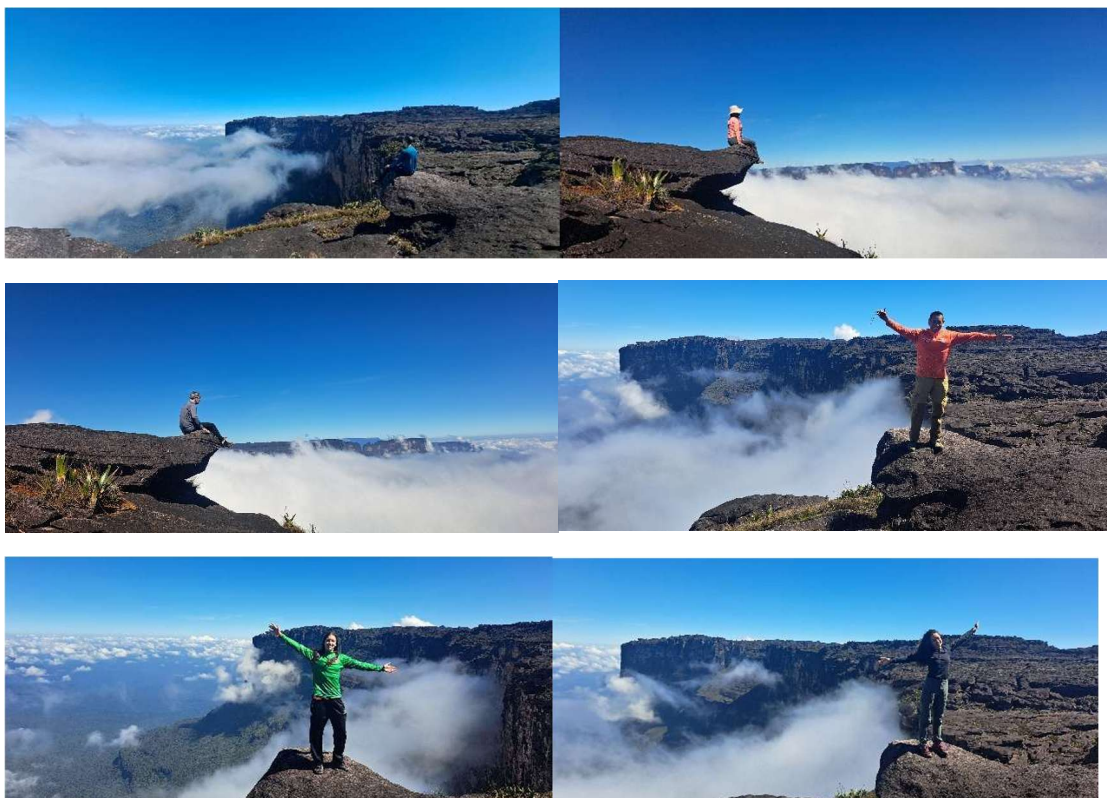
Carlos se levanta, já com tudo organizado e nos espera, como sempre fazia. Carlos Tepui (Carlos da Montanha) como também o chamávamos. Seu conhecimento e respeito pela montanha é de admiração, afinal o Roraima faz parte de sua vida e cultura.

Mas precisamos tirar a foto de todos, com a equipe do Carlos e então juntamos e alguém de outro grupo registra este momento para nós.



Vamos deixando tudo para trás, passamos novamente pela ponte de milhões que foram gasto para construir, pela local dos cristais, pelo ponto da tríplice fronteira, e por tantos outros locais que foram difíceis de superar, mas que agora olhamos com outros olhos.

Andamos muito (ao menos em meus cálculos) e então olhei para a Eleomara e disse pra ela “já devemos ter andado um quilômetro e se não deu isso eu corto meu pinto” e olha que escapei de pagar a promessa por pouco. Ela olhou em seu relógio de registro e tinha dado 1,05 quilometro. Escapei por pouco. Graças a Deus!



Depois de muito caminhar vocês devem se lembrar do mirante que fomos ver, mas que estava com muita neblina (Abismo da Guiana), então desta vez estava bem aberto com bastante sol e então contemplamos por bastante tempo aquela beleza e a floresta guianense nos paredões do outro lado.

Nesta caminhada eu que havia chegado aqui com 81 quilos, provavelmente estava com bem menos haja visto o esforço destes dias e realmente era isto mesmo, pois em casa, quando me pesei novamente a balança marcava 78,5 quilos.

Depois desta vista Carlos separou algumas laranjas para saborearmos e biscoitos. E então vimos vários do nosso grupo de apoio passarem sorridentes por nós, caminhando normalmente com suas cargas enquanto suspirávamos de cansaço.

Este dia marcaria nossa visita ao ponto mais alto da montanha, o Maverick com 2.810 metros. Então vamos seguir viagem que ainda falta muito.



Então chegamos em nosso acampamento para o almoço que estava sendo preparado com o cuidado de sempre. Macarrão com carne moída e milho foi o prato da vez. E como sempre suco, café e chá completavam a refeição. Não podemos esquecer da pimenta do Carlos, espetacular com esta carne moída.

Ele nos contou que sua tribo utiliza a pimenta, quando não tinham roupas, passando em seus corpos para aguentarem o frio da montanha, mas isto faz muito tempo. Então, depois de uma comida dessas um tempo para repor as energias, com uma bela “sesta” fomos visitar os últimos pontos que faltavam, como as jacuzzi, o Maverick e o La Ventana, além de passarmos por um a região mais plana cheia de areia rosa.



Então partimos, primeiro foi o La Ventana, que infelizmente estava com bastante neblina, mas foi o único ponto de toda a expedição que não conseguimos ver, porém mesmo assim foi formidável e registamos da mesma forma. Então caminhamos até as jacuzzi, onde nos refrescamos com um ótimo banho, já o banho da noite e seguimos por outro caminho, passando por um campo de areia rosada onde começou a dar sinais de chuva, porém foram

alguns pingos apenas e o sol retornou, então caminhamos e subimos pela encosta íngreme até o Maverick onde a vista também é algo como incrível.



Observamos que Carlos nos treinos nos terrenos mais difíceis e em todos eles, como arenoso, pântano, rochas, mata, lodoso e água, além de superar o vento gelado e o sol escaldante que fazia.

Eu não sei precisar, porém esta escalada foi se não mais difícil do que subir o paredão do Roraima praticamente igual, porque as formações ali são de pedras enormes que você tem que ou contornar ou tentar subir por elas e em alguns pontos é bom não olhar para baixo.



Lá ficamos por algum tempo e também tínhamos outros grupos por lá, aparentemente de japoneses. As meninas como sempre aproveitaram e tiraram várias fotografias.

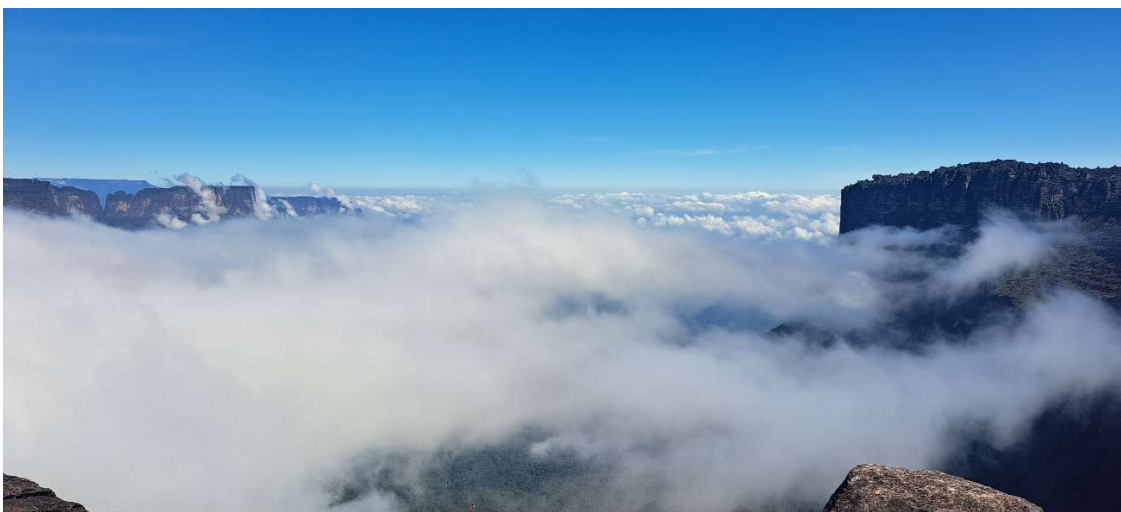
Depois de um bom tempo lá em cima, rumamos para o acampamento onde passaríamos nossa última noite na montanha.



Desta vez a descida foi tranquila, calma... mas ainda tinha uma pequena subida para o acampamento índio onde passaríamos a noite... e esta prometia ser muito fria.



Hora de organizar todas as coisas, pois na manhã seguinte sairíamos bem cedinho pois o objetivo era a descida até o acampamento base e depois chegar ao acampamento do rio Tek. Então era bom preparar tudo, deixar tudo organizado.



Nossa pipoquinha chegou e com ela o chocolate quente, e o café e o chá. Mais histórias contadas pelo Carlos e ele insistindo que no dia seguinte também não terá chuva, o que nos deixa mais contentes porque descer o paredão com chuva não seria coisa fácil.



Ele emocionado voltou a mencionar sobre o Candido Rondon e o livro que está escrevendo o que prometi que quero uma cópia quando estiver pronto e que daqui alguns anos vou entrar em contato pra alinhar esta situação. Comentou também de seus filhos que tem uma menina com onze anos, um menino com sete anos e outra menina com três anos.



Voltamos a lembrar e a rir sobre a personalidade do Carlos, sempre sereno, tranquilo mesmo em situações delicadas e de suas respostas pontuais, como “sim” e “não” apenas encerrando o assunto.

- É ali o acampamento? – Não.

- Por esse lado é melhor? – Não.

- Esse caminho? – Por este (apontando com o bastão de caminhada outro lugar).

- Você sabe cozinhar? – Sim.



Em alguns casos depois de respostas como estas ele complementava e contava alguma história da tribo como sobre cozinhar que disse que todos os “homens da nossa tribo aprendem”.

Nossa janta desta noite foi arroz branco, ovos cozidos e salada de legumes.



Esta noite Viviane iniciou um debate entre todos sobre o que tinha sido esta viagem para cada um, o que representava o que tinha sido importante e todos fizeram sua contribuição.

Fomos dormir rapidamente porque começou a garoa, que mais a noite virou chuva e mais frio.



Então eu ficava imaginando, deitado na barraca, como seria a descida com chuva e com frio e com as pedras escorregadias e sem nenhum ponto de apoio concreto para nossa segurança.

E a noite foi avançando mais e mais fria até que os primeiros sinais da manhã apareceram.

DIA 07

O dia da descida.

Vamos começar este capítulo com a mensagem deixada pela Isabel para nós.

“Gosto muito de aventuras, de conhecer pessoas novas, locais e culturas diferentes, e adoro me desafiar em ambientes de natureza exuberante, onde a sensação da primeira vez admirando aquilo é sempre impressionante. Me impressionei com a organização e a cultura riquíssima no local. Carlos, nosso guia, e o amor e orgulho com que nos apresenta sua história. Nosso grupo, que foi perfeito para nós e deixou a expedição incrível. O nascer do sol e sua imensidão. A cozinha da equipe, impecável. E o passo da lágrima, ao final da subida, com suas gotinhas de água mansa, como que nos dando boas-vindas na chegada, lavando a alma. Absolutamente todos os locais visitados foram incríveis para mim. As paisagens são incríveis, desde a aldeia onde chegamos e partimos para a expedição, a vista linda do acampamento base, a mata da subida, e os cenários indescritíveis no topo do monte”.
Isabel



Acordamos preocupados com a chuva que havia tido à noite, porém os raios de sol apareciam no horizonte e não choveria durante o dia, durante a descida ao menos, assim Carlos tinha nos dado certeza.

Abrimos a barraca e a primeira coisa que vimos foi os olhares do ninja nos cuidando, cocado em uma pedra.

- Bom dia!

- Bom dia, respondeu meio que acanhado.

Carlos não estava no acampamento, estava dando uma andada ao redor e pra nossa surpresa tinha ido verificar onde poderia encontrar os sapinhos que tanto queríamos ver e até então não tínhamos visto. E ele encontrou alguns que fez questão em nos mostrar. Assim, o que faltava em nossa jornada estava se apresentando. Depois destes que ele nos mostrou todos nós conseguimos ver vários outros durante a caminhada de volta até a beira do cume. Todos eles tão minúsculos que podemos refletir sobre a delicadeza da natureza e ao mesmo tempo sua beleza e riqueza.



Ovos mexidos, queijo ralado e arepa foram nosso café-da-manhã no último dia no alto da montanha. Neste dia tivemos também geleia.

Tudo arrumado, estomago cheio e a vontade de retornar aos acampamentos abaixo nos deram forças para iniciar a caminhada de volta.

Carlos me ofereceu um de seus bastões de caminhada dizendo que seria mais seguro com eles, porém eu agradei e preferi ir apenas com minhas mãos mesmo tateando os pontos que entendia serem os melhores para a segurança da descida.



Como todas as vezes Carlos saiu na frente e na descida ele nos deixou claro que o paredão ele deveria estar sempre à frente para nossa segurança e sempre seguir os pontos em que ele pisava. E assim fizemos.

Sáimos do cume, passamos pela área das lágrimas, pelos mirantes e em pouco tempo (olha só eu agora estou falando “pouco tempo”, mas quando estava lá era uma eternidade), chegamos à parede onde tínhamos pedido proteção pela nossa subida e agora cabia a nós agradecer tudo que tivemos lá em cima, o respeito pela montanha, a beleza que vimos, a chuva que não apareceu e assim deixou nossa jornada mais leve, por tudo que pudemos ver e admirar.

A descida muito mais fácil do que a subida de dias atrás,, exigia muito mais atenção pois as rochas estavam molhadas pela chuva da noite e qualquer descuido poderia ser perigoso, mas com cuidado e um passo atrás do outro fomos vencendo a descida.



Carlos foi o último de nós e dentre tudo, ele agradeceu principalmente por estar chegando o momento de se livrar da gente.

Isto foi o que dissemos pra ele quando chegamos ao acampamento base, ele apenas sorriu.



Todos encheram as garrafinhas de água na fonte ali do lado e enquanto isso os carregadores passavam por nós, carregados até as tampas, usando os croques e sorrindo. Eles já tinham desmontados as barracas, a cozinha, o banheiro e nos alcançado e agora desciam faceiros para nos esperar com tudo montado novamente no acampamento base.

Ao chegarmos ao acampamento base nos esparramos pela grama, não acreditando que tínhamos superado aquele paredão, que era tão difícil na descida como tinha sido na subida.

Todos estávamos cansados de dias andando por ali, dormindo em barracas, banheiro improvisado, banhos gelados ou noites sem banho, mas com a alma leve.





Nosso almoço chegou, trazido pelo Denilson, nosso ninja de todos os dias. Era arroz branco, feijoada, omelete e mortadela frita acompanhado de suco. Tudo muito gostoso. Repeti e Igor também (admirei porque ele não gosta de feijoada, em casa ao menos reclama toda vez que tem e ali ele comeu duas vezes). O impressionante foi que a

sucuri não repetiu, pegou apenas um pedaço de omelete de outro e só.

Depois do almoço ainda tínhamos a caminhada até o Rio Tek o que imaginei que seria fácil.

Antes disto porém deitei na grama que tinha naquela clareira debaixo de uma árvore que fazia uma ótima sombra e tirei um cochilo muito bom.

Nisto colocaram uma cruz feita de galhos e improvisado pela Eleomara perto de minha cabeça e meus filhos oraram pela minha vida. Passado pouco tempo, acredito que trinta minutos voltava Carlos já pronto com os bastões na mão para seguirmos viagem.



Estamos partindo então, seguindo viagem até o Rio Tek, nossa penúltima parada até chegarmos à aldeia onde terminaremos nossa jornada.

Já sabemos do caminho de volta, é aquele caminho de tantas subidas e descidas com pedras soltas por todos os lados, onde temos que atravessar o rio cheio de pedras, passar pela igreja que se confunde com a história da tribo do Carlos e chegar ao acampamento do Rio Tek, onde também poderemos tomar um belo banho nas águas geladas.

E assim partimos, uma por vez das meninas vão se distanciando na frente, Igor fica comigo, me lembrando que tenho que tomar água a toda hora. Vamos superando um quilometro, depois dois, três e assim sucessivamente.

Porém, minhas pernas estão cansadas e a cada passo que dou parece que ela não se comporta normalmente e se comporta de forma esquisita, então tenho que ter mais cuidado.

Chegamos então, após várias paradas para tomar folego, ao acampamento militar que dias antes tinha sido a nossa parada para um almoço antes de atingirmos o acampamento base. Pois bem, desta vez ali era o local de parada apenas, não teria nada para comer, apenas água para beber e seguimos nosso caminho.

Num determinado ponto, Igor se afastou da trilha para pegar água num riacho que Carlos lhe mostrou onde era e fomos em diante.



Eu não estava acreditando que superaria este dia. Incrível depois de tantas dificuldades já passadas neste local que parecia mais fácil eu não estava acreditando.

Chegamos ao riacho, ao Kukenán onde a água batia forte nas pedras e superá-lo era mais outro desafio, mas o fizemos, após descansarmos um tempo contemplando suas violentas águas.

Mas o mais difícil não era superar suas águas violentas, nem saber em que pedra pisar para chegar à outra margem e sim subir o barranco que nos levaria ao caminho direto ao nosso acampamento. Este sim foi complicado, com cinco ou seis paradas fui superando aos poucos e quando cheguei em terreno plano me esparramei no colônio pois tinha esgotado todas as forças.

- Vamos Waltinho, ainda falta bastante. – Dizia Raissa.

- Calma, não estou aguentando mais, preciso de um tempo.

Igor também estava parado comigo e fiquei feliz que Raissa também estava por ali, afinal ela tinha me dito que seria “cada um por si”, mas ela estava ali, tentando me dar forças, me reanimar e insistia também que eu bebesse água.

Então, com forças que não acredito ter me levantei vagarosamente e voltei a caminhada, passamos novamente vendo de nosso lado esquerdo a igreja histórica daquela região.



Mais caminhada, mais caminhada esta jornada parecia não ter fim. Estava, sinceramente, difícil de terminar. Mas Raissa e Igor tinham me desafiado de que eu não conseguiria então isto não me permitia desistir. Eu tinha que terminar aquilo, de qualquer jeito.

Então depois de um bom tempo, vi ao longe a primeira imagem do nosso acampamento.



Trilhas, várias delas nos levariam ao acampamento, só bastava seguir a que tinha um traçado mais plano (o que era difícil) ou mais curto (isto também não era nada fácil).

Então várias outras paradas precisei fazer, mas cheguei ao rio Tek, aquele que no primeiro banho tinha escorregado e machucado o tornozelo. Fomos rapidamente à barraca ajeitar as coisas e voltar para o rio para tomar banho antes de escurecer porque senão ficaria muito frio. E assim fizemos, eu e o Igor tratamos de fazer isto então, porque as meninas, como já tinham chegado antes já estava “cheirosas”.

O frio era suportável, porém os pernilongos (filhas da puta) tinha pra todo lado e minhas costas ficou cheia de marcas de suas picadas. Igor sempre dava risada quando via minhas costas e ou pedia pra eu mostrar para os outros.

A decepção foi que esta noite não havia internet no local e então não conseguimos contato com nossas famílias na cidade. Mas nada complicado e a vida sem internet ou redes sociais estava sendo muito bom.

Estávamos todos esgotados do que tínhamos passado até então. Penso que Carlos queria ver a gente se “cagar” de fazer tanto esforço.

A pipoca chegou quentinha, com chá, café, leite em pó, mel que estava terminando. Isto por culpa da Isabel que comeu tudo.

Carlos sentou novamente conosco para mais uma conversa e dizendo o quanto foi importante esta subida e disse, o que me deixou lisonjeado “o Sr. Walter é exemplo para a montanha”. Olha só, eu tinha conseguido ir e voltar, subir e descer mesmo com as minhas reclamações durante o percurso, estava no rol das pessoas que Carlos certamente se referiria aos novos grupos que fossem à montanha.

Por volta das 20 horas a janta chegou e voltamos a comer na mesa de madeira da nossa primeira jornada, tranquilos sob um teto de palhaça. Esperamos bastante pelo Igor que não aparecia para iniciarmos a janta, mas foi melhor comermos. Afinal descobrimos que ele não estava bem, com diarreia e vômito intercalava entre o banheiro e o rio.

Nossa janta foi macarrão com calabresa e legumes e molho branco e suco que não faltava em nenhuma refeição.



Quando terminamos a janta Carlos ainda esperou um tempo até Igor chegar para fazer uma declaração sobre nossa semana juntos, mas como ele demorava ele começou:

Começou dizendo sobre a importância de estarmos lá, sobre nosso comportamento que foi muito especial, tanto ali embaixo como lá em cima na montanha, o respeito que tivemos por tudo, pela montanha e pelas pessoas de sua equipe. Do cuidado que eles têm com os turistas, enfim o agradecimento por nossa conquista.

E o agradecemos também, afinal ele (mesmo a gente tendo certeza de que ele queria nos jogar lá de cima) foi fundamental para que conseguimos ir e voltar bem.

Estávamos preocupados com o Igor, Viviane e as meninas arrumaram remédios para ele o qual tomou e tentou comer um pouquinho para não ficar muito fraco.

Ele voltou à ir ao banheiro a noite novamente e praticamente não dormiu, assim como eu que estava na mesma barraca que ele. Então tarde da noite ouvimos um cachorro latir ali pertinho e subitamente parar, será que algum bicho o tinha matado? Porque na manhã seguinte não o vimos mais.

DIA 08



Este dia vamos começar com a mensagem que a Viviane Inglês nos deixou.

“Há três anos atrás comecei a praticar caminhadas na natureza para me livrar de uma depressão. Então estar aqui é a realização de um sonho. Eu acredito muito em Deus e acredito que tudo tem um propósito e estar aqui nessa expedição e com as pessoas que nós conhecemos aqui está tudo sendo incrível. Estar desconectada de tudo está sendo tão perfeito. Aqui cansamos o corpo e descansamos a mente. A superação de todos do grupo (Deus escolheu a dedo esse grupo). A equipe unida, todos ajudando uns aos outros, desde um remédio ou até mesmo uma palavra de incentivo. Pôr-do-sol no hotel, nasce do sol no mirante, mar de nuvens do Roraiminha, todos os lugares são incríveis, quando penso que já vi tudo lindo, vem outra paisagem e nos surpreende”.
Viviane



Igor não estava bem e provavelmente não aguentaria a caminhada de volta à aldeia,



sabemos que o terreno era o mais fácil de todos, mais plano, porém o sol estaria muito quente e a distância também não era favorável.

Assim,

organizamos com o Carlos para o Igor retornar este trecho de moto, a qual foi a decisão mais acertada. Carlos avisa sua esposa para receber Igor quando chegar por lá.

Antes de partir, porém, ele disse, “Raissa eu cuidei do pai todos os dias, agora é sua vez vê se cuida dele hoje”. E olha que ela ficou no meu pé por um bom tempo até praticamente chegarmos à aldeia.



Espera que ainda não tomamos nosso café, então neste dia era: domplim com queijo ralado, ovos mexidos e goiabada, acompanhado de café, chá e suco.

Pois bem, café tomado, foto tirada, Igor saindo de moto e nós nos preparando para a caminhada final.



Esse dia a caminhada mesmo com boa parte do terreno plano, sem as incomodas pedras soltas o sol estava demais, derretia a alma e o vento gelado que incansavelmente batia acalmava nossa raiva naqueles momentos que se fazia presente constantemente. E então, mais uma vez, quando Raissa parou e disse “hoje tá complicado pra mim pai, tô muito cansada”, falamos do acerto que fizemos em que o Igor voltasse de motocicleta.



E lembramos dele também pelo nome que deu para a língua dos nativos “taure-pank” mistura do nome verdadeiro com “punk” movimento dos anos 70.

Carlos avisa que Igor já chegou na aldeia.

Então passamos por áreas que haviam hasteado fogo para, com esta prática, espantar as cobras que poderiam ter por ali escondidas na vegetação e nas pedras. Paramos um tempo razoável onde no primeiro dia comemos a melancia e onde decidi pagar um carregador (outra atitude certa).

DIA	CONDIÇÃO	MIN-MAX	PROBL. CHUVA
12-02	Sol com nuvens altas	6°C / 17°C	Muito baixa
13-02	Céu limpo e seco	5°C / 18°C	Praticamente zero
14-02	Ensolarado	6°C / 18°C	Praticamente zero
15-02	Pico de estabilidade	5°C / 19°C	Zero
16-02	Céu aberto – sol forte	6°C / 18°C	Zero
17-02	Parcialmente nublado	7°C / 17°C	Baixa – nevoeiro
18-02	Nuvens passageiras	7°C / 16°C	Baixa – chuvisco
19-02	Nublado no topo	6°C / 15°C	Moderada – garoa
20-02	Alternância de sol e vento	5°C / 17°C	Baixa
21-02	Sol com poucas nuvens	6°C / 18°C	Baixa

Descemos pela margem de um rio e rapidamente subimos a outra margem, subindo mais outras subidas, caminhando sem parar, olhando para o céu e vendo que o sol não dava trégua.

Carlos estava bem à frente, caminhando mesmo que devagar caminhava muito mais rápido que eu.

Viviane, em certo momento, aparentemente deu uma louca na cabeça dela e partiu na frente e ninguém conseguiu acompanhá-la e assim foi até chegar à aldeia. Depois Isabel, Eleomara e então Raissa, que perto da aldeia decidi seguir adiante enquanto eu parava mais uma vez para o folego constante que precisava.

Perto da chegada da aldeia, Eleomara vem um pouco atrás de mim, entretanto paro para mais um descanso, para mais um folego e a vejo chorando, quando lhe abraço, mas o

choro dela é de alegria por estar superando tamanha dificuldade e se livra de mim e segue a subida que está chegando ao final.

Carlos, como sempre e atento a tudo, esperou por minha chegada em uma das últimas subidas que tínhamos que fazer e assim fomos caminhando e conversando nos últimos poucos metros que faltavam e sempre catando alguma garrafa plástica ou garrafa de cerveja que estava jogada por ali, foram tantas que não tinha mais onde guardar e então desistimos de catar.

Finalmente avistado a aldeia e chegando vagarosamente fui o último a completar aquele trajeto que até agora não me disseram quem me convenceu a fazer isto.



Não acreditei quando coloquei minha bunda num banco na casa de Carlos. Não acreditei. Seria verdade ou apenas ilusão.

Ali tínhamos melancia fresca, Gatorade, refrigerante e água gelada para nos saciar.

Carlos pediu para irmos todos rapidamente com as mochilas ao posto de fiscalização, onde fariam a averiguação se realmente não tínhamos trazido nada da montanha, o que nossa turma passou com honrarias.

Depois, enquanto esperávamos o almoço ser servido, liguei para minha esposa e dei algumas breves notícias afinal a conexão estava muito ruim. Ela já sabia do Igor que tinha avisado quando chegou à aldeia.

Todos então almoçamos e que almoço, um prato cheio de comida. Banana frita, salada com creme, arroz branco, macarrão, pão e frango assado. Um almoço digno do final desta aventura.



Estava terminando nosso contato com aquela gente. Agora voltaríamos para Santa Elena de Uairén. Praticamente não tivemos tempo para descansarmos pois o rapaz já estava com o mesmo jipe 4x4 da nossa vinda, para que voltássemos. Então nos despedimos tristemente daquela gente, de todos que tinham estado conosco na última semana e agradecemos pela paciência.

E assim o fizemos todos embarcados com cansaço, mas com sorrisos à mostra, afinal todos tínhamos conseguido o impossível.

Por algum tempo ainda sentíamos os baques do veículo naquelas estradas esburacadas da Gran Sabana, mas rapidamente entramos no asfalto e então sabíamos que estávamos voltando para nossos lares.



Antes, porém, ele nos levou para uma cachoeira no caminho que era linda e que todos ficaram encantados, se banharam ali e então seguimos para outro vilarejo onde paramos para comprarmos lembranças, Kumarakapay e onde também tem outro posto de controle.



Então discutimos dentro do veículo quantos quilômetros tínhamos andado ao todo e como havia discordância entre os marcadores tanto de Eleomara, Viviane e Isabel ficamos com o que marcou menor distancia, ou seja, 152 quilômetros ao total, desde o momento do primeiro passo na aldeia Paraitepuy até o último passo na mesma aldeia.

O que????!!!!!! Tudo isso, eu não acredito que consegui fazer isso tudo, e em um terreno complicado como o Monte Roraima, mas realmente havia conseguido. Todos nós havíamos conseguido e Carlos deveria estar orgulhoso de nós, afinal muito provavelmente quando ele nos viu imaginou que não conseguiríamos.

Então, nos superamos, mas espero que nunca mais me chamem para estas loucuras e espero que eu ouça as sábias palavras da Celma “que eu fico só inventando e entrando em enrascadas”.

Criamos o grupo CUMS de whatsapp para mantermos o contato. Na verdade, o nome do grupo é a formação de “cu” iniciais da cidade de Curitiba (duas integrantes), com a sigla do nosso Estado “MS” de onde eram os outros quatro integrantes. E até a edição deste livro o contato se manteve firme.

Chegamos no final da tarde no hotel em Santa Elena onde passaríamos a noite para que no dia seguinte fossemos para Boa Vista. Banhamos, e nossa janta tinha sido reservada com antecedência. Então durante a janta o Sidnei (ou Sind) apareceu e ficou conosco aquela noite, pois no dia seguinte ele – assim como na



vinda – seria nosso motorista de volta à Boa Vista.

Na janta ele conversou bastante e nos presenteou com uma medalha de sua empresa em forma de agradecimento e reconhecimento.



Deixo com Sidnei uma pequena bandeira do Brasil a qual peço que ele entregue para o Carlos quando o encontrar novamente, pois tinha levado comigo na mochila mas me esqueci de lhe entregar. Semanas depois Sidnei entrega e então Carlos me escreve:

“Muy buenos dias saludo. Muchas gracias por la bandera. Wakupe kru man”.

Fomos dormir gratos por tudo até então.



Mas ainda não acabou. Era aniversário da Eleomara naquele dia e eles trouxeram um bolinho para comemorarmos. Ela ai de pé, ficou muito emocionada e eu ganhei o primeiro pedaço de bolo. Talvez por ser o mais velho dali e ter conseguido realizar a jornada.

Após o café-da-manhã do hotel, voltamos para Boa Vista e o converseiro dentro do carro era grande com todas as histórias que todos tinham para contar.

Assim, perto do almoço chegamos na cidade, Sidnei deixou as meninas em sua pousada e conforme tínhamos combinado fomos para a Guiana, a cidade de Lethem.

E no quadro abaixo um resumo de como foi nossa incrível viagem.

DATA	DIA	AÇÃO
12-02	QUINTA	<i>Chegada em Boa Vista, no aeroporto da cidade</i>
13-02	SEXTA	<i>Hospedagem, sono leve, viagem até a aldeia atravessando a fronteira do Brasil com a Venezuela, primeira etapa de caminhada da aldeia até o rio Tek. Primeira noite dormindo em barracas.</i>
14-02	SÁBADO	<i>Partida do rio Tek em direção ao segundo acampamento, o Acampamento Base, passando pela igreja histórica, pelo rio Kukenán, pela cachoeira e pelo acampamento militar, além da árvore que Carlos via e eu não.</i>
15-02	DOMINGO	<i>Pedido de proteção à montanha, subida do paredão, passagem pelo Passo das lágrimas, chegada ao cume, chegada ao acampamento índio – Hotéis.</i>
16-02	SEGUNDA	<i>Longa caminhada, Triplice Fronteira, Vale dos Cristais, El Fosso, chegada ao lado brasileiro acampamento Quati.</i>
17-02	TERÇA	<i>Caminhada ao lago Gladys, ao Mirante da Proa.</i>
18-02	QUARTA	<i>Retorno ao Acampamento índio (Hotél), visita a La Ventana, visita a Jacuzzi, Visita ao Maverick.</i>
19-02	QUINTA	<i>Retorno, descida, ao acampamento Base. Chegada ao acampamento do Rio Tek.</i>
20-02	SEXTA	<i>Retorno a aldeia Paraitepuy – Volta para Santa Elena de Uairén</i>
21-02	SÁBADO	<i>Retorno para Boa Vista.</i>

VAMOS TERMINANDO NOSSA AVENTURA

Vamos terminar aqui então com as mensagens de Igor e Raissa.

“Fizemos a trilha do monte Roraima, foi algo incrível, foi um desafio, tem suas dificuldades e não tem nada de conforto, mas saber que superou uma das maiores montanhas do Brasil é uma sensação muito boa. Fomos eu, meu pai, minha irmã, Viviane, Isabel e Eleomara fazer a trilha, mais o time do guia, foi uma equipe maravilhosa, todo mundo se ajudava muito, uma equipe bem unida, inclusive com o guia e sua equipe, teve momentos engraçados, momentos em que olhava a montanha e pensava como vamos subir tudo aquilo e um terreno vertical totalmente irregular, e teve momentos de respeitar a montanha ou como os indígenas chamavam (TEPUI). É algo que vamos lembrar durante muito tempo”. Igor



“A viagem para o Monte Roraima, sempre foi uma viagem muito esperada por mim, sempre pensei que iria fazer lá com amigos ou o mais provável que eu iria fazer lá sozinha, não esperava também fazer essa viagem tão cedo na minha vida. A viagem me surpreendeu em todos os sentidos primeiro que meu pai e meu irmão foram comigo e que em menos de 3 meses de que a ideia surgiu, estávamos os 3 embarcando para Boa Vista



para começarmos uma experiência que se tornaria uma lição de vida para mim. Eu sempre achei que eu teria total capacidade de completar essa viagem sem muita dificuldade, porque me considero uma pessoa atlética, pratico bastante atividade física e gosto muito de montanhas, floresta, natureza no geral, mas no primeiro dia já foi um grande desafio para mim, estávamos sem dormir direito e logo no primeiro dia tivemos que caminhar 14 km com mochilas pesadas nas costas e ainda por cima o meu tênis começou a se despedaçar logo nos primeiros passos da caminhada kkk (realmente não me preparei bem para essa viagem), então me lembro que logo na primeira noite eu duvidei muito da minha capacidade de completar o percurso e duvidei ainda mais do meu pai, eu tinha certeza de que ele iria desistir e na minha cabeça esse seria o melhor para todos. Os dias foram passando e os desafios só foram ficando mais difíceis, cada dia tínhamos que lidar com o calor, frio, sol, cansaço físico e principalmente tínhamos que nos convencer de que éramos capazes de cumprir aquele desafio, iríamos chegar até o final ainda que o nosso corpo quisesse

desistir, me recordo que durante as horas exaustantes de caminhada só pensava que se meu pai consegue, eu consigo e isso me dava força para continuar. Todo o sofrimento da caminhada era recompensado quando a noite chegava e éramos acometidos por aquele céu lindo cheio de estrelas e muito, mas muito longe de ter conexão com a internet, era cansativo fisicamente, mas foi revigorante mentalmente. Hoje em dia estamos muito conectados então ter tirado esses 8 dias sem internet foi ótimo para mim, tive tempo para pensar em muita coisa. No final da viagem senti a sensação de dever cumprido e fiquei orgulhosa porque todos conseguiram, principalmente meu pai que me surpreendeu. Sobre o grupo em que fomos só posso ser grata, todos do grupo eram tão únicos e conseguimos nos conectar, criar uma amizade em tão pouco tempo juntos, sempre tentávamos nos ajudar e conhecer ainda que pouco cada um foi muito legal”. Raissa

E assim foi esta jornada cheia de superação, raiva e risos. Cheia de momentos incríveis, de belezas inusitadas, cheia de surpresas e cheia de dever cumprido.

Me sinto realizado com algo que provavelmente não conseguiria.

Com 55 anos, sem preparo, 8 dias de caminhada, terreno acidentado, calor constante e frio insuportável. Minha perna que caminhava diferente do que eu queria nos dois dias finais ainda ficou meio que descontrolada por cerca de uma semana até eu ter certeza de que estava em ordem.

Se a pergunta pra eu for “você voltaria?”

- Não. Provavelmente não, afinal a vida é curta e tem tantos outros lugares para serem conhecidos.

Muito obrigado a todos que leram esta obra.



Não poderia terminar este livro sem a mensagem que o Carlos disse que nos enviaria e que vocês não lembravam mais. Mas segue abaixo o que ele me escreveu em 01 de março de 2026.

“El grupo fue excelente, personas muy dinámico atento y muy respetuoso(a) con la madre naturaleza, que valoran la cultura indígena Taurepan de su cosmovisión, porque cada paso tuvimos una bendición de todo los días que disfrutamos observar los miradores... Y logramos llegar todos , ninguno se rindió en el camino todo lo superaron y conquistaron la montaña y de si mismo, que todo se puede a pesar que la naturaleza tenga circunstancia mayor sólo con mirar nuestro objetivo, sueño y expectativa , así fueron ustedes, grande héroe aventureros y montañistas... Abrazo fuerte a todos”.
Carlos.



“O grupo foi excelente, muito dinâmico, atencioso e respeitoso, valorizando a cultura indígena Taurepan e sua visão de mundo. Cada passo que demos foi uma bênção, e aproveitamos cada dia contemplando as vistas... E todos nós conseguimos! Ninguém desistiu no caminho; superaram tudo e conquistaram a montanha e a si mesmos. Isso mostrou que tudo é possível, mesmo quando a natureza apresenta desafios maiores, simplesmente mantendo o foco em nosso objetivo, nosso sonho e nossas expectativas. Vocês foram assim — grandes heróis, aventureiros e alpinistas... Um grande abraço a todos”.

Um grande abraço de todos.

Um grande abraço ao Sidnei da “Fui Trilharr”.

Um grande abraço ao Carlos e a sua incrível equipe.

Muita saúde à todos e que um dia nos reencontremos novamente.

GUIANA – LETHEM

No caminho para a cidade de Lethem paramos numa fazenda para o almoço e depois seguimos para conhecer mais um país.

Lethem não tem nada, tirando seus barracões com lojas de artigos dos mais variados, tipo nossa fronteira aqui no Mato Grosso do Sul com o Paraguai. Então ficamos pouco tempo por lá, cerca de umas duas horas, não compramos praticamente nada e apenas demos um giro por ali e então voltamos para Boa Vista.



Praticamente por todo o caminho Igor e Sidnei conversavam sobre jogos de tabuleiro, um queria ser melhor que o outro e como jogavam, com quem, quantas vezes na semana e assim a conversa fluía.

Voltamos no final da tarde e ele nos deixou no hotel pois a meia-noite passaria novamente para nos levar ao aeroporto onde embarcaríamos voltando para casa e todos nós estávamos no mesmo voo, ao menos até a conexão em Brasília, onde cada qual pegaria seu destino. Meus filhos, eu e a Isabel voltaríamos para Campo Grande, Eleomara iria para Curitiba passando por São Paulo e Viviane ficaria em São Paulo onde ainda participaria de um show de rock.



Durante a tardezinha ainda e inicio da noite Raissa quis dar uma volta ao redor do hotel o que fiz junto com ela, Igor preferiu ficar no hotel pois ainda estava se recuperando do mal-estar que tivera no final da expedição. Caminhos por alguns pontos e fomos até a orla da cidade que não ficava longe do hotel, mas nas condições que eu estava com minhas pernas era melhor pegar um Uber. Quando voltamos jantamos no restaurante do hotel e ligamos para minha mãe e para a Celma. Fizemos alguns relatos da aventura

e então fomos descansar.

RETORNO AO TRABALHO

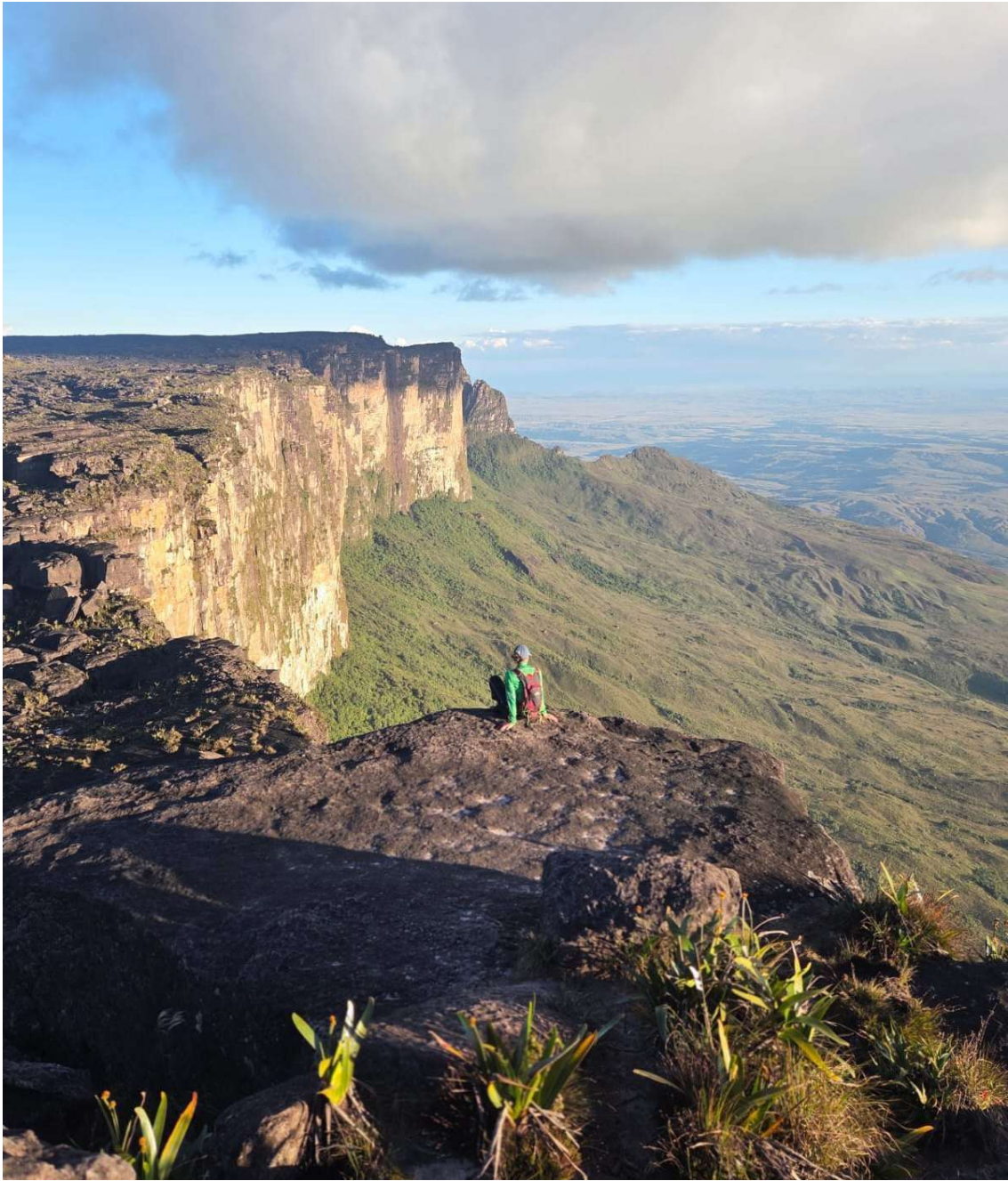
De volta ao trabalho minha equipe tinha preparado esta surpresa em minha sala, totalmente interditada em referencia a subida da montanha.



LISTA DE EQUIPAMENTOS SUGERIDOS PARA A TRILHA:

Tênis ou bota; *OBS.: Se você não tem o costume de usar bota em caminhada de longas distâncias dê preferência ao tênis;*

- Uma sandália estilo crocs ou papete;
- Um bastão de caminhada;
- Uma mochila de 50 a 60 litros;
- Uma mochila de ataque de 15 a 25 litros;
- Capa de chuva estilo poncho;
- Duas calças para trilha; *OBS: se levar calça que não seja térmica, é recomendado usar short térmico para evitar assaduras nas coxas;*
- Duas camisas para trilha;
- Duas meias para trilha (material sintético);
- Um chapéu ou boné de preferência com protetor de nuca;
- Uma Jaqueta corta vento; *OBS: O Monte Roraima é uma grande rocha, facilitando a inversão térmica, isso quer dizer que mesmo fazendo calor durante o dia a noite a temperatura cai bastante;*
- Uma roupa segunda pele para dormir;
- Uma calça para frio (sugestão: pode ser moletom ou lã);
- Uma camisa para frio (sugestão: pode ser moletom ou lã);
- Uma meia de lã para dormir (sugerimos levar uma extra para caminhadas nos dias frios);
- Uma luva e uma touca de frio para dormir;
- Baterias para recarregar seus equipamentos eletrônicos;
- Uma lanterna (de preferência lanterna de cabeça);
- Pilhas extras para sua lanterna (se a lanterna for a pilhas);
- Um barbante para fazer varal;
- Toalha leve;
- Fita *silver tape*;
- Sacos zipados extras;
- Repelente;
- Protetor solar;
- Hidratante para o rosto;
- Protetor labial;
- Escova de dente; Creme e fio dental; Cortador de unhas;
- Sabonete para banho (biodegradável), havendo necessidade pode ser usado caso queira lavar alguma peça de roupa na hora dos banhos;
- Xampu para banho (biodegradável);
- Vaselina para passar nos pés (esse item é usado para evitar calos);
- Seus remédios individuais (essa lista é pessoal, indicamos que seja a mais abrangente possível para as situações diversas que possa acontecer);
- Frutas secas, chocolate, barras de cereais para ir comendo ao longo das caminhadas.



OUTRAS FOTOS QUE NOS MARCARAM

A seguir fotos que representam muito bem esta aventura e o entrosamento entre todos e que de forma alguma poderiam ficar de fora deste livro.

